



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO
DE ECONOMIA, SOCIEDADE E
POLÍTICA (ILAESP)**

**CIÊNCIA POLÍTICA E
SOCIOLOGIA - SOCIEDADE, ESTADO E
POLÍTICA NA AMÉRICA LATINA**

**Imigrantes haitianos no Brasil:
entre o imaginário migratório e as realidades da migração**

PATRICK JOSEPH

Foz do Iguçu, 2023



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO
DE ECONOMIA, SOCIEDADE E
POLÍTICA (ILAESP)**

**CIÊNCIA POLÍTICA E
SOCIOLOGIA - SOCIEDADE, ESTADO E
POLÍTICA NA AMÉRICA LATINA**

**Imigrantes haitianos no Brasil:
entre o imaginário migratório e as realidades da migração**

PATRICK JOSEPH

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Ciência Política e Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. José Renato Vieira Martins

Foz do Iguaçu, 2023

PATRICK JOSEPH

**Imigrantes haitianos no Brasil:
entre o imaginário migratório e as realidades da migração**

BANCA EXAMINADORA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Ciência Política e Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. José Renato Vieira Martins (UNILA)

Prof. Dr. Flavio Alfredo Gaitán (UNILA)

Profa. Dra. Danielle Michelle Moura de Araújo (UNILA)

Foz do Iguaçu, 2023

Agradecimentos

Meus sinceros agradecimentos e gratidão ao meu dedicado orientador, Prof. Dr. José Renato Vieira Martins. Agradeço-lhe por ter me orientado, ajudado e aconselhado.

Estendo meus sinceros agradecimentos a todos os professores da Unila, e a todas as pessoas que com suas palavras, seus escritos, seus conselhos e suas críticas guiaram minhas reflexões e aceitaram me encontrar e responder minhas dúvidas durante minha pesquisa.

Agradecimentos especiais à minha companheira Elisangela, e minha filha Isabella, meus motivos para seguir em frente.

Agradeço aos meus queridos pais, Jusleine Pierre e Ernst Joseph, quem mesmo distantes sempre estiveram ao meu lado. Agradeço à minha irmã Gelene Dubuisson e ao meu irmão Jean richard Pierre, e meu primo Jean Steve Montas pelo incentivo.

Minha gratidão aos meus amigos Davisson Duverger, Samuel Morancy, Willer Fernelus pelos comentários positivos. Seus apoios e incentivos incondicionais foram de grande ajuda.

Meus agradecimentos a UNILA pela oportunidade de poder receber uma formação sem igual, aos colegas, o meu agradecimento, o meu respeito e a minha gratidão.

“A tarefa não é tanto ver aquilo que ninguém viu,
mas pensar o que ninguém ainda pensou sobre
aquilo que todo mundo vê.”

ARTHUR SCHOPENHAUER

PATRICK, Joseph Imigrantes haitianos no brasil: entre o imaginário migratório e as realidades da migração 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciência Política e Sociologia: Estado, Sociedade e Política na América Latina). Foz do Iguaçu, 2023.

RESUMO

Esta pesquisa acerca dos imigrantes haitianos no Brasil tem como objetivo discutir o hiato que se estabelece entre “imaginação migratória” e “realidade migratória”. Por imaginação migratória compreende-se o conjunto de representações subjetivas que caracteriza o ato migratório. São expectativas, ilusórias ou reais, que movem a migração independentemente do tempo e do lugar em que ela se realiza. Por realidade migratória compreende-se as condições da migração, a difícil realidade do estabelecimento e integração no país de destino. O objetivo da pesquisa é compreender o hiato que foi se criando entre as expectativas da migração haitiana para o Brasil, a partir de 2010, e a realidade migratória do país com o fim da primeira onda dos governos progressistas, para refletir sobre essas realidades da migração e como elas dificultam a construção do sentimento de pertencimento desses imigrantes haitianos ao Brasil.

Palavras-chave: Imaginário migratório. Desastre. Racismo. Migração. Imigrante haitiano

PATRICK, Joseph. **Haitian immigrants in Brazil: between the migratory imaginary and the realities of migration** 2023. Completion of course work (Bachelor of Political Science and Sociology: State, Society and Politics in Latin America). Foz do Iguaçu, 2023.

ABSTRACT

This research about Haitian immigrants in Brazil aims to discuss the gap between “migratory imagination” and “migratory reality”. By migratory imagination is understood the set of subjective representations that characterize the migratory act. They are expectations, illusory or real, that move migration regardless of the time and place where it takes place. By migratory reality it is understood the conditions of migration, the difficult reality of the establishment and integration in the country of destination. The objective of the research is to understand the gap that was created between the expectations of Haitian migration to Brazil, from 2010, and the migratory reality of the country with the end of the first wave of progressive governments. And how these realities of migration make it difficult for these Haitian immigrants to build a sense of belonging to Brazil.

Key words: Migratory imaginary. Disaster. Racism. Migration. Haitian immigrant

PATRICK, Joseph. **Les immigrants haïtiens au Brésil : entre imaginaire migratoire et réalités migratoires** 2023. Achèvement des travaux de cours (Bachelor of Political Science and Sociology: State, Society and Politics in Latin America). Foz do Iguaçu, 2023.

RÉSUMÉ

Cette recherche sur les immigrants haïtiens au Brésil vise à discuter du décalage qui s'établit entre « imaginaire migratoire » et « réalité de la migration ». Par imaginaire migratoire, on entend l'ensemble des représentations subjectives qui caractérisent l'acte migratoire. Ce sont des attentes, illusoire ou réelles, que caractérisent la migration. Par réalité migratoire, nous entendons les conditions vécues par les immigrants quand ils se trouvent sur le terrain, des réalités inimaginées avant de laisser leur pays d'origine. L'objectif de la recherche est de comprendre le décalage qui s'est créé entre les attentes de la migration haïtienne au Brésil, à partir de 2010, et la réalité migratoire du pays avec la fin de la première vague des gouvernements progressistes. et comment ces réalités vécues par les immigrants haïtiens les empêchent de construire un sentiment d'appartenance à ce pays le Brésil.

Mots-clés : Imaginaire migratoire. Désastre. Racisme. Migration. Immigrant haïtien

PATRICK, Joseph. **Imigran ayisyen nan Brezil: ant imajinè migratwa e reyalite migrasyon**. 2023. Konplete nan travay kou (Bakaloreya nan Syans Politik ak Sosyoloji: Leta, Sosyete ak Politik nan Amerik Latin nan). Foz do Iguaçu, 2023.

REZIME

Rechèch sa a sou dyaspora ayisyen nan Brezil gen pou objektif diskite sou dekalaj ki etabli ant " sa imigran panse avanl vwayaje, " e "reyalite li rankontre lèl rive nan peyi etranje a ". Pa imajinasyon migratè, se yon seri de reprezantasyon sibjektif ki karakterize kesyon imigre a. Yo sèten ilizyon oswa reyalite, ke imigran kap pati a mete nan lespril ke kote li prale a la pral byen pase. Pa reyalite migratwa, lè imigran rive nan destinasyon, li kòmanse rann li kont ke sal te panse avant te vwayaje a nètman diferan de reyalite lap viv la. Objektif rechèch la se konprann diferans ki te kreye ant imigrasyon ayisyen an nan Brezil, apati 2010, ak reyalite migratwa peyi a , fen premye vag gouvènman pwogresis. E kòman reyalite imigran yo viv la anpeche yo konstwi, yo santiman apatenas a peyi Brezil.

Mo kle: Imajinasyon migratwa. Dezas. Rasis. Imigrasyon. Imigran ayisyen

PATRICK, Joseph. **Inmigrantes haitianos en Brasil: entre el imaginario migratorio y las realidades de la migración** 2023. Finalización de trabajo de curso (Licenciatura en Ciencias Políticas y Sociología: Estado, Sociedad y Política en América Latina). Foz de Iguazú, 2023.

Resumen

Esta investigación sobre inmigrantes haitianos en Brasil tiene como objetivo discutir la brecha entre la “imaginación migratoria” y la “realidad migratoria”. Por imaginación migratoria se entiende el conjunto de representaciones subjetivas que caracterizan el acto migratorio. Son expectativas, ilusorias o reales, que mueven la migración independientemente del tiempo y lugar donde se produzca. Por realidad migratoria se entiende las condiciones de la migración, la difícil realidad del establecimiento e integración en el país de destino. El objetivo de la investigación es comprender la brecha que se creó entre las expectativas de la migración haitiana a Brasil, a partir de 2010, y la realidad migratoria del país con el final de la primera ola de gobiernos progresistas. Y cómo estas realidades de la migración dificultan que estos inmigrantes haitianos construyan un sentido de pertenencia a Brasil.

Palabras clave: Imaginario migratorio. Desastre. Racismo. Migración. inmigrante haitiano

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1. A MIGRAÇÃO HAITIANA: PROJETO DE LONGA DATA.....	16
1.1 O imaginário migratório.....	16
1.2 Raízes da migração haitiana.....	19
1.3 Imigração haitiana para o Brasil.....	21
2. OLHAR SOCIOLÓGICO E POLÍTICO DO FENÔMENO MIGRATÓRIO.....	23
2.1 A migração vista de um ângulo marxista.....	23
2.2 Migrantes haitiano e mercado de trabalho.....	26
2.3 Migração internacional e Globalização.....	32
3. A MIGRAÇÃO E A REVISITA DO IMAGINARIO.....	35
3.1 A migração e o transnacionalismo.....	35
3.2 A experiência migratória: racismo e xenofobia.....	41
3.3 Sentimento de pertencimento e migração.....	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
BIBLIOGRAFIA.....	58

INTRODUÇÃO

Após o terremoto de 2010, os haitianos deixaram suas famílias em busca de melhores condições de vida em território estrangeiro. Não é a primeira vez que isso acontece na história desse povo. Desde o início do século passado se verificaram sucessivas ondas migratórias de haitianos, seja por conta de desastres naturais, invasões estrangeiras ou crises econômicas, seja em razão da violência desencadeada por crises políticas e confrontações sociais. Pela primeira vez, porém, o Brasil foi o país de destino dos imigrantes haitianos. Milhares deles vieram para cá para recomeçar suas vidas. A chegada dos imigrantes haitianos comoveu a sociedade brasileira, então impactada pelas imagens do terremoto que deixou 300 mil mortos, dezenas de milhares de feridos e mais de 1,5 milhão de desabrigados.

Na busca compreender melhor as questões que envolvem os migrantes haitianos, este trabalho se enfoca a experiência individual de pessoas que chegaram ao Brasil há anos, e suas situações ao longo desses anos em território brasileiro. Este trabalho propõe analisar o presente de pessoas e suas histórias individuais que viveram uma experiência de migração e permite uma leitura que facilita a análise do presente do indivíduo hoje. Trata-se de ir além do discurso social e da mídia, conforme relatado. Com efeito, "este que nos é apresentada como uma crise de imigração se deve em parte à crise do nossa percepção da migração »

O Haiti foi a primeira República negra do mundo protagonizada por escravizados no início do século XIX, com o fim do domínio colonial francês. Para grande parte dos brasileiros que desconhecem a história, o Haiti se tornaria conhecido depois do terremoto de 2010, com a onda de migração observada a partir de então. O terremoto e a imigração aproximaram os dois povos. A imigração é um fenômeno altamente complexo, seja por parte dos que saem do seu país de origem, seja por parte dos que o acolhem. Da perspectiva do migrante, pode-se dizer que a migração corresponde a um fato social total. Na acepção atribuída por Marcel Mauss, nestes fatos complexos "tudo se mistura" e as mais diversas instituições se exprimem: a religião, a família, o trabalho, o consumo, a identidade, os valores, as convicções. Não

surpreende que o fenômeno da migração desperte a atenção de todos, estando presente na mídia, nas igrejas e nos estudos acadêmicos (Marcel Mauss, Ensaio sobre a dádiva).

Por meio da migração o haitiano busca se colocar na sociedade se adaptando ao *ethos* social. Ao mesmo tempo, ele leva consigo os valores de sua cultura, sua história, sua memória e suas convicções. Ele procura aprender o português, mas está apto a ensinar o francês e o *creole*, e assim se conectar à sociedade. A ideia de se inserir e se integrar socialmente potencializa para aprender não só a língua, mas também para dominar as dimensões simbólicas da sociedade que o acolhe, como o sentir e o falar, de forma a compreender e, ao mesmo tempo, se fazer entender. Ao se relacionar demonstra a ideia de querer desempenhar um papel social e se tornar um ator socialmente relevante.

Historicamente, os imigrantes do Haiti primeiro tentaram emigrar para os Estados Unidos, Canadá, França, mas também para as Bahamas e outros países do Caribe. O aumento da cooperação entre a Guarda Costeira dos EUA e as autoridades de fronteira nas Bahamas e nas Ilhas Turks e Caicos tornou a principal rota para o norte quase impossível para os barcos irregulares de migrantes haitianos através da costa norte do Haiti. Com a situação econômica do país, principalmente uma economia importadora, uma elite que toma como refém o controle econômico e político do país (patrimonialismo) o Estado não tem capacidade de redistribuir, tornando a migração a única porta de saída e sobrevivência para muitos haitianos

O Haiti tem uma estrutura socioeconômica que há muito tenta explorar os sonhos e aspirações dos imigrantes. Também usa assimetrias de informação, mal-entendidos e falta de educação para afligir muitos haitianos que buscam uma vida melhor no exterior para se sustentar e poder ajudar os familiares que permanecem no país. Desde 2010, o Brasil tornou-se um dos destinos dos migrantes haitianos. Aos olhos dos haitianos, este país da América do Sul, que já era admirado em razão do seu futebol, fez-se mais presente por conta do papel que passou a desempenhar no

comando militar da Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (MINUSTAH). A cooperação brasileira, por meio de empresas nacionais, como a OAS Construtora, também contribuiu para divulgar o Brasil junto aos haitianos.

De fato, estes dois fatores se combinaram para aumentar o interesse dos haitianos pelo Brasil como um potencial destino de migração. O Brasil, que já era muito popular e amado pelos haitianos por conta dos jogadores de futebol, foi se tornando um atrativo para os imigrantes. E a percepção dos haitianos em relação ao batalhão brasileiro da MINUSTAH foi positiva de um modo geral, considerada mais acessível que os demais batalhões. A empresa brasileira Construtora OAS é considerada uma geradora de empregos, oferecendo remuneração e oportunidades regulares e razoáveis. Isso, juntamente com a percepção romântica anterior do Brasil como uma potência cultural por meio do sucesso de sua seleção nacional de futebol, é uma oportunidade muito significativa para os haitianos perceberem a oportunidade de viver melhor no Brasil, ou pelo menos trabalhar lá temporariamente, além de sustentar suas famílias no Brasil e ajudar outros familiares que permaneceram no Haiti.

Deste modo, esta pesquisa possui o objetivo de apresentar a diáspora haitiana no Brasil entre imaginário e realidade através de uma revisão de literatura. E chegamos a essa pergunta: Como os haitianos conseguem escolher o Brasil como país de destino e como atendem às suas expectativas? Para o desenvolvimento do presente trabalho, conta-se com três capítulos. No primeiro capítulo se discute a imaginação migratória haitiana e a migração haitiana como fenômeno de longa duração, de forma a desvendar a sua evolução histórica, do princípio do século 20 até a crise humanitária decorrente do terremoto de 2010, marco zero da grande migração haitiana para o Brasil. No segundo capítulo se discute a realidade migratória dos haitianos no Brasil, antes e depois dos governos progressistas. No terceiro capítulo se discute como o hiato entre a imaginação migratória e a realidade migratória dificulta o sentimento de pertencimento dos migrantes haitianos. Na parte final pretende-se apontar algumas medidas públicas que poderiam beneficiar a integração dos migrantes haitianos no Brasil e que deixarei como recomendação neste trabalho de conclusão de curso a partir da minha própria experiência enquanto migrante haitiano que vive no Brasil há mais de 5 anos.

Capítulo I

A migração haitiana: projeto de longa data

Neste primeiro capítulo abordaremos o conceito de imaginário para relacioná-lo à imaginação migratória haitiana como fenômeno social de longa duração. Isso nos permitirá compreender a migração como uma prática social, que é o foco do nosso estudo.

1.1. O imaginário migratório

A questão da migração é um assunto sobre o qual não se pode deixar de ouvir falar ou encontrar, porque vivemos num mundo e numa época em que tudo está em movimento. Seja a informação, os bens e o que mais nos diz respeito, que somos os indivíduos. Todos eles se deslocam de um canto do mundo para outro e isso pode ser observado todos os dias. E isto é feito por várias razões, muitas vezes devido a perseguições políticas, ideológicas, religiosas ou culturais, guerras, estudos, turismo, desemprego e desastres naturais, como no caso do terremoto do Haiti. O fenômeno migratório se faz sentir quase todos os dias e, é um tema da atualidade; sempre foi assim, embora tenha se acentuado imensamente nas últimas décadas.

O conceito de imaginário é um tema muito vasto. É abordado em diversos trabalhos acadêmicos e por muitos anos. Um assunto que fascina, cativa e constantemente levanta questões sobre seu valor, importância e impacto em nossas vidas. Compreender melhor o imaginário, apoiando-se nas diferentes abordagens que dele conhecemos, ajudará, posteriormente, a conceber o imaginário migratório, a apreender com mais precisão o lugar que ocupa na construção e realização de um projeto migratório e a avaliar as possíveis consequências na experiência migratória dos indivíduos.

De fato, para entender melhor como o imaginário reside nos indivíduos, como

ele é nutrido, transformado e habita nossa sociedade, devemos primeiro definir o imaginário e focar no desmantelamento. Para posicionar nossa análise e abordagem, relatamos vários estudos e escritos sobre o imaginário, sobre as representações e imaginário coletivo e o imaginário migratório. Na literatura referenciada, a imaginação muitas vezes parece residir na interseção de duas posições. Ou imaginação como criação ou imaginação como alienação. A primeira posição definitivamente parece mais interessante. Sem negar o poder de alienação que o imaginário pode expressar, distanciamos-nos, no entanto, de Lacan (1973), que o posicionou como ilusório ou restritivo. O imaginário a princípio nos parece ser o que constitui o homem e é essencial à sua vitalidade.

Na visão de (Giust-Desprairies, 2003), a imaginação é um espelho que reflete nossas emoções. Está enraizado nas profundezas da existência. Evoca uma ressonância de alegria e desconforto dentro de nós. Porque as imagens mentais, como a realidade externa, podem afetar a sensibilidade, afetar o humor e evocar sentimentos de tristeza e alegria. Como já ressaltado, o filósofo do imaginário, Woonenberger, pode ser uma fonte de revelação, satisfação e descoberta, mas também erro, ilusão e decepção. Segundo, (Giust-Desprairies, 2003). O imaginário fala dos nossos desejos e medos e requerem um envolvimento instintivo com seus objetos. Para (Apadurai 2001), antropólogo que tem escrito extensivamente sobre modernidade e globalização, o imaginário é uma força positiva e libertadora. Ela se desenvolve a partir de todas as áreas da vida e da experiência humana. Além da representação, o imaginário provoca condutas, gestos e ações (Sartre, 1986). Ele é criativo, dinâmico, influenciando e incentivando nossas atitudes. As pessoas tratam seu ambiente adequadamente. Ajuda a forjar a identidade do "eu" enriquecendo a expressão do mundo (Wunenburger, 2003; Sartre, 1986).

A imaginário é uma saída para impulsos, desejos e medos. Funciona como uma espécie de apaziguamento. "As estruturas de objetos irrealis, ou parcialmente reais, são uma forma de enganar os desejos por um momento e depois enfurecê-los" (Sartre, 1986). É da natureza humana preencher lacunas de conhecimento, mas também é preciso criar o sentido necessário para concretizar seus projetos, suas aspirações e seus desejos. A imaginário não apenas satisfaz os desejos de sensualidade e

pensamento, mas também encontra sua viabilidade na ação, dando-lhe fundamento, motivo, objetivo e dinamismo ao ator.ou seja, "o poder e o entusiasmo para realizar o conteúdo". (Woonenberger, 1995).

O imaginário serviria para preencher as lacunas de informação. É raro termos todos os dados. Assim, ficam espaços vazios que a imaginação vem preencher com o que sabe, com o que acredita ou mesmo com o que antevê. O contexto da migração gera vários vazios, espaços de incógnitas e aspectos que temos que imaginar. Existe uma infinidade de dados faltantes, falhos e incompletos no desenvolvimento de um projeto de migração e na migração. O fato de decidir migrar é também decidir projetar-se numa parte do desconhecido: um desconhecido face ao território, à cultura e aos costumes de alheiros, mas também um desconhecido face a nós próprios.

São raros os escritos que tratam claramente do conceito de imaginação migratória. Podemos sublinhá-lo, identificá-lo como um fator influente na negociação de reações face à experiência migratória, mas poucos realmente se debruçam sobre ela, como o fez Silva em trabalhos de pesquisa sobre os haitianos. [Em busca do Eldorado: o Brasil no contexto das migrações nacionais e internacionais](#).(Silva, Assis 2016). Em parceria com o Núcleo de Estudos de Populações de varias universidades como Unicamp (NEPO), com a Universidade Federal de Rondônia (UNIR) e com a Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC), com a professora Glaucia Assis. Para entender melhor a situação dos imigrantes, fizeram uma pesquisa em 2014-2015 em várias capitais do Brasil. Neste estudo observamos como imaginação migratória tomou conta dos imigrantes antes de sair do Haiti. Como relataram os autores. Os migrantes sejam nacionais ou internacionais continuam, como sempre, em busca do Eldorado, trazendo consigo sonhos, um imaginário migratório que confronta com as realidades migratória nos locais de acolhimento.

Os haitianos quando chegaram começaram a viver as realidades da migração e falaram que se sabiam que era assim não iam viajar. "Ali começaram a relação com um Brasil que eles imaginaram bem diferente, isto é o país das oportunidades e que acolhe bem os estrangeiros" (Silva, 2012, p.300). Também observamos na pesquisa de (Handerson, 2015, um dos entrevistados relatou. "Se eu soubesse que aqui era

assim, não teria vindo”.

1.1. Raízes da migração haitiana

Do ponto de vista político, podem-se distinguir três grandes períodos históricos do Haiti moderno. Segundo (Audebert Cédric,2012) Autor do livro: [LA DIASPORA HAÏTIENNE](#) publicado em 2012. Eles são definidos pelos governos de Duvalier Pai (1957-1971), Duvalier Filho (1971-1986) e o período pós-Duvalierista (1986 até os dias atuais). Todos eles contribuíram para sustentar uma relação entre terror político e estagnação econômica que alimenta a migração. No período de 1957 a 1986, o país é governado por François Duvalier (Papa Doc) e, posteriormente, pelo seu Filho Jean-Claude Duvalier, uma das mais longas ditaduras da história moderna. François Duvalier e Jean-Claude Duvalier, pai e filho, governaram o país com mão de ferro, mediante um regime de terror. Durante seus governos, opositores foram perseguidos e assassinados.

A natureza estrutural da instabilidade política do Haiti se deve em grande parte à estratificação social e a rigidez de cor. As classes mais privilegiadas, que concentram quase metade da riqueza do país e representam apenas 1% da população, preocupam-se sobretudo em manter suas conquistas e manter seu padrão de vida.(Audebert Cédric,2012). Enquanto isso, as subclasses urbanas e rurais, que constituem a maior parte da população, muitas vivem na pobreza. Grande parte da população haitiana tem o simples objetivo de sobreviver, e todos os dias deve encontrar novas estratégias para conseguir isso, sendo que a primeira estratégia é conseguir um visto ou pelo menos deixar o país ilegalmente.

A autoproclamação de Duvalier como "presidente vitalício" em 1964 aterrorizou os intelectuais e a classe média negra (médicos, advogados, professores), que fugiram rapidamente. A repressão política combinada com a perda da esperança de um futuro melhor tornou a migração a única opção para os agricultores que podiam pagar, tanto mais apropriada para o camponês como uma forma de escapar da pobreza ter que abrir mão de sua terra. Como citou, (Michel-Rolph, 1990), a morte de

Papa Doc em 1971 que transferiu o poder para seu filho Jean- Claude Duvalier (conhecido como Baby Doc). despertou grandes esperanças de uma vida melhor e mais liberdade política para a população. Para isso, ele buscou não apenas o apoio de Washington, mas também o apoio interno da burguesia mulata, cujos membros expulsos pelo Papa Doc foram autorizados a retornar ao Haiti.

O presidente dos Estados Unidos, Jimmy Carter (1976-1980), alinhado à nova política de Washington de promoção dos direitos humanos na América, ofereceu ajuda financeira e apoio a Jean-Claude Duvalier como condição para a democratização de sua administração. A liberdade de expressão, concedida dentro de certos limites por Jean-Claude Duvalier, não ultrapassa os limites de Porto-Príncipe e, sobretudo, revela-se efêmera. Diante do descontentamento abertamente expresso nas ruas e da crescente pressão política interna, Baby Doc adotou uma política repressiva, expressa por meio de censura à imprensa e prisões sumárias.

Muitas pessoas de diversas origens sociais optaram por migrar por motivos de segurança. A emigração haitiana como fenômeno estrutural (1986-2011) teve origem neste contexto histórico, politicamente opressivo, socialmente regressivo e economicamente estagnado. A era pós-Duvalier foi marcada por uma instabilidade política renovada, um aprofundamento da crise econômica e o conseqüente ressurgimento da imigração. As esperanças levantadas pela fuga do ditador para o exílio logo foram frustradas, pois a instabilidade política aumentou a preocupação com o controle do destino dos haitianos.

A esperança do povo pelo fim da instabilidade política nunca foi maior do que em 16 de dezembro de 1990, quando as primeiras eleições verdadeiramente livres e democráticas foram realizadas e o padre Aristide venceu. No entanto, ele foi vítima de um golpe em 30 de setembro de 1991, depois que sua retórica violenta minou a confiança do parlamento, da classe dominante e dos militares. Ele escapa por pouco de uma tentativa de assassinato e é forçado ao exílio. A volta de Aristide, em outubro de 1994, não significou o fim do terrorismo no país, apesar da dissolução do Exército e do enfraquecimento das fileiras militares. Em 2004, o furacão Jeanne causou a morte de 2.000 pessoas e deixou 250.000 desabrigados.

Em 2008, a sucessão de quatro tempestades e furacões ampliou o impacto da crise alimentar, voltou a deixar centenas de milhares de desabrigados e convenceu as instituições financeiras internacionais a reduzir a dívida do país. No entanto, nunca na história do Haiti um desastre natural tornou a sociedade tão vulnerável quanto a tragédia de 12 de janeiro de 2010. O caos, a destruição, o desespero e o trauma psicológico causados por este terremoto de magnitude 7,3 na escala Richter são profundos. Oficialmente, mais de 230.000 pessoas teriam perdido a vida sob os escombros.

1.2 Imigração haitiana para o Brasil

No final de 2010, o Brasil se tornou um destino para migrantes haitiano. O Brasil ganha destaque no Haiti com o batalhão da Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (MINUSTAH). E também da OAS Construções, que conquistou um contrato para melhorar e ampliar as estradas da malha no sul da península do país. Esses dois fatores se combinaram para aumentar o interesse dos haitianos pelo Brasil como um potencial destino de migração. O Brasil já foi muito popular entre os haitianos pela questão de futebol, com a figura do Pelé, sobretudo por se tratar de um negro. E isso criou no imaginário haitiano um Brasil sem racismo, de um povo acolhedor.

A percepção geral dos haitianos no batalhão brasileiro da MINUSTAH é vista como mais amigável do que em outros batalhões. Isso, combinado com a percepção (imaginária) sobre um Brasil como uma potência cultural, por meio do sucesso da seleção nacional de futebol. Tudo combinou para levar os haitianos a uma decisão de buscar uma vida melhor no Brasil, ou pelo menos novas oportunidades para ajudar as famílias no Haiti. Outro ponto que chamou a atenção dos imigrantes haitianos, foi a decisão do Brasil de disputar um amistoso contra o Haiti em Porto Príncipe.

Tudo combinou para levar os haitianos a uma decisão de buscar uma vida melhor no Brasil, ou pelo menos novas oportunidades para ajudar as famílias no Haiti.

Outro ponto que chamou a atenção dos imigrantes haitianos, foi a decisão do Brasil de disputar um amistosito contra o Haiti em Porto Príncipe. A resolução do Conselho de Segurança das Nações Unidas, nº 1542/2004 que criou a MINUSTAH tinha como principais objetivos estabilizar o país, pacificar e desarmar grupos guerrilheiros e rebeldes. Promover eleições livres e informadas, fornecer alimentos para os haitianos e formar o desenvolvimento institucional e econômico do Haiti. As tropas brasileiras foram fundamentais na operação de paz no Haiti. O Brasil através da MINUSTAH, buscava adquirir maior foco internacional dentro das nações unidas, visto que o governo brasileiro tentava conseguir um acento permanente dentro do órgão de conselho de segurança das nações unidas, dessa maneira o sucesso brasileiro através da MINUSTAH era extremamente importante pois o país conquistaria grande prestígio internacional.

Segundo Soares (2019) A missão se destacou por ser a primeira na região com expressiva presença de tropas sul-americanas. Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Equador e Uruguai, foram países que colaboraram com os maiores contingentes. Da mesma maneira, Seitenfus (2016) ressalta que “quanto à composição das tropas militares, nota-se um protagonismo de países da América do Sul, responsáveis por cerca de 70% do total do contingente da Missão.” Assim podemos entender que os haitianos tiveram contato direto com tropas de América do Sul, e claramente que iam ser países de destino ou de mobilidades dos imigrantes. Em 2012, com vistas a ordenar a diáspora haitiana para o Brasil, o governo brasileiro publicou a resolução sobre refugiados, facilitando o seu acesso ao país. Outra facilidade para a entrada dos haitianos, foi a concessão de visto na embaixada do Brasil em Porto príncipe, na Capital Haitiana, em Santo Domingo, República Dominicana e em Quito, Equador. Para obtenção do visto brasileiro deveria possuir passaporte em dia, comprovante de residência, atestado de bons antecedentes e pagar 200 US e aguarda um mês para emissão dos documentos.

Capítulo II

O olhar sociológico e político do fenômeno migratório

No capítulo anterior, definiu-se o conceito de imaginário, referiu-se à imaginação migratória haitiana e seus objetivos. Assim, situamos a migração haitiana como prática de longa duração. Neste presente capítulo se realiza a apresentação das teorias sociológicas para entender o fenômeno migratório dentro do mundo capitalista.

2.1. A migração vista de um ângulo marxista

O desemprego é em si um fator de migração internacional. Marx analisa os efeitos devastadores da ascensão do capitalismo na Inglaterra, a destruição das estruturas sociais internas e relembra a migração de trabalhadores britânicos "excedentes" para colônias como as Índias Orientais, que transformaram em campos de produção de matérias-primas para a metrópole. Marx não desenvolve uma teoria da imigração. Isto é, não trata essa temática de maneira central no seu arcabouço teórico. Seus seguidores, porém, se debruçaram sobre o fenômeno migratório desde uma perspectiva marxista. Tais estudos identificaram o deslocamento de pessoas de uma determinada região para outra em consequência das forças econômicas em um contexto histórico específico - como ocorre no caso da nossa pesquisa. Essas teorias se fundamentam no materialismo histórico sendo o método de pesquisa desenvolvido por Marx. Na sua obra principal, "O Capital - crítica à economia política", Marx buscou explicar a passagem para o capitalismo a partir da expulsão dos pequenos produtores de seus ofícios urbanos ou propriedades rurais, o que deu origem aos movimentos populacionais do campo para as cidades.

Com a imigração ocorre mais ou menos um fenômeno similar em outro contexto histórico e econômico. No caso da migração haitiana, conforme veremos adiante, ela está diretamente relacionada a constituição de um exército industrial de reserva nos países para os quais se destina. Isto é evidente com a migração haitiana para o Brasil. O fato de que o Haiti vive um período de crises políticas e desigualdades sociais, a

imigração aparece como uma forma de suprir as necessidades básicas. Eis o aspecto funcional da migração. Na medida que busca resolver as necessidades que o país de origem não pode prover, ela se torna uma alternativa política que traz vantagens econômicas para as classes dominantes.

Como apontam os autores do livro *A Ideologia alemã* (Marx/Engels, 1976), o beber, comer, ser abrigado e vestido são necessidades que os seres humanos precisam executar no dia a dia para sobreviver. Diante disso, podemos entender que a ideia de migrar para outro país se entende na literatura marxista como uma questão estruturante porque envolve as questões econômicas. Então, há uma série de motivos que levam as pessoas a migrar para um país rico ou semiperiférico no caso dos Haitianos para o Brasil como parte do processo de acumulação capitalista a nível mundial. Na atualidade do capitalismo financeiro, globalizado e neoliberal, caracterizado pelo aumento das desigualdades sociais, do desemprego e da pobreza extrema, o fenômeno de migração guarda alguma semelhança com os fluxos migratórios do século passado. Visto de uma perspectiva marxista, a pobreza se relaciona diretamente com as contradições do próprio modo de produção capitalista, que é um sistema mundial. Por ser um método analítico para explicar os distintos fenômenos de forma estrutural, o marxismo tenta compreender as relações entre os indivíduos dentro do modo de produção capitalista. Analisadas desde uma perspectiva marxista, as nossas escolhas não são livres.

De acordo com essa abordagem, são as estruturas que impõe sentido às nossas ações, todas elas condicionadas pela estruturação econômica da sociedade. A migração contemporânea que acontece em meio à crise do capitalismo mundial possui, portanto, uma dimensão estrutural. O fenômeno se impõe sobre as escolhas daqueles povos que não tem outra opção senão migrar. Há uma relação estreita entre o lucro gerado pela produção de mercadoria e o salário rebaixado que é pago aos migrantes. As empresas globais lucram com os migrantes porque estes estão em condição de vulnerabilidade, não dominam a língua, a cultura e muito menos os seus direitos. A cadeia global da indústria de alimentação é um exemplo dessa forma de exploração.

Os migrantes haitianos que trabalhavam em Cascavel, nos frigoríficos, ganhavam em média menos que trabalhadores locais. Eles são alvos fáceis de exploração. Dada essa condição, de peça excedente do sistema produtivo, os migrantes constituem o que o marxismo chama de exército de reserva. Os migrantes por estarem em condição indocumentada, são trabalhadores tratados como segunda categoria. Nesse sentido recebem um salário menor do que o salário mínimo e que podem ser despedidos em qualquer momento sem as devidas garantias. A política do “trabalhador convidado”, comum na Alemanha até meados da década de 1970, é um exemplo de como esse conceito pode ser aplicado à realidade. O governo alemão empregou trabalhadores estrangeiros em larga escala para acelerar a industrialização e gerar uma crescente acumulação de capital a partir da exploração da mão-de-obra migrante barata.

No entanto, assim que o país enfrentou uma grave crise econômica que limitou a expansão do capital na década de 1970, o governo promoveu o retorno (muitas vezes forçado) desses migrantes aos seus países de origem. Este repatriamento foi extremamente problemático pois várias famílias já tinham feito a sua vida no país e não tinham apoio para se reintegrarem no mercado de trabalho dos seus países de origem. Isso explica como os trabalhadores migrantes estão à disposição daqueles com muito dinheiro. Outro ponto muito presente na análise marxista é que existe uma relação inversa entre os lucros da produção e os salários da classe trabalhadora. Os países no centro do capitalismo global precisam de trabalhadores migrantes para obter maiores lucros, já que os migrantes ganham muito menos em média do que os trabalhadores nativos.

Migrantes sobretudo indocumentados do Sul Global são os principais alvos de exploração por várias empresas, como é o caso dos trabalhadores mexicanos nos Estados Unidos, as pessoas de diversas nacionalidades que chegam ao país e esperam ser aceita como exiliados, refugiados, que muitas vezes não têm direitos trabalhistas e são pagos bem abaixo da média nacional. O sistema capitalista precisa de muitos trabalhadores disponíveis para sustentar a crescente acumulação de capital. Os migrantes do Sul Global são a principal força de reserva nos países ricos, especialmente os indocumentados. Por enfrentarem uma situação de alta

vulnerabilidade e migração irregular, incluindo medo constante de deportação, os trabalhadores migrantes aceitam baixos salários e condições de trabalho indecentes. Um trabalhador migrante irregular não é livre para escolher para quem quer trabalhar.

2.2 Migrantes haitianos e mercado de trabalho

Todo o sistema de migração internacional é projetado para reduzir os custos trabalhistas e aumentar os lucros. A utilização de mão de obra migrante é uma grande aliada para atingir esse objetivo. Acabar com a migração ilegal não é uma prioridade para os países ricos porque esgotaria o grande exército de reserva disponível para as elites nacionais. A migração é outra manifestação do desenvolvimento desigual e das relações de poder entre as nações e não traz desenvolvimento aos países de origem. Não se trata de discutir se o marxismo é “anti” ou “pró” migração. Este tipo de discussão é totalmente incompatível com os escritos de Marx, que argumenta que, se o capital é internacional, a classe trabalhadora também deve se organizar internacionalmente. Esse alerta de Marx não deixa de ser uma mensagem extremamente atual para os migrantes do século 21 em geral, assim como para os haitianos, em particular, que migraram para o Brasil e outros países da América do Sul.

O imigrante haitiano como qualquer outro migrante, o trabalho já é estruturante na vida dele. Pode ter outros motivos de deixar o país de origem, mas em nosso caso, apesar da ditadura, da violência e da perseguição política, o trabalho e a sobrevivência econômica são determinantes. A busca de uma vida melhor, sempre foi e continua sendo a principal motivação da migração haitiana. Mas o imigrante muitas vezes - como mostram várias literaturas consultadas para esse trabalho - os haitianos chegam aqui e muitos são profissionais, mas trabalhando na área de baixo escalão, não conseguem trabalho na área deles. É o que chamamos de ruptura profissional, causada pela migração. Também há interlocutores que relatam que foram estudar, fazer cursos para melhorar a vida, mesmo assim, por questão de racismo, não lhe concedem um cargo melhor.

Não podemos esquecer que o Brasil fez um projeto de concessão de visto humanitário para facilitar a entrada dos haitianos em território brasileiro após o terremoto de 2010. Essa abertura de fronteiras, facilitando a chegada dos imigrantes haitianos teve um impacto significativo. O relacionamento Brasil e Haiti, segundo alguns autores (MORAES, ANDRADE e MATTOS 2013), não era apenas do ponto de vista humanitário, mas do interesse do governo brasileiro em obter uma vaga permanente no Conselho de Segurança das Nações Unidas. Por isso que esses autores ao analisar a migração haitiana destacam:

O Brasil, como forma de impulsionar o desenvolvimento do Haiti, mantém diversos projetos em seu território, com destaque para o auxílio na construção da usina hidrelétrica no Rio Artibonite, no sul do país. Além disso, a Embrapa Hortaliças. Esse incentiva a produção de hortaliças na região de Kenscof com financiamento da Agência Brasileira de Cooperação – ABC. [...] Depreende-se que a atuação brasileira no Haiti, por meio desses projetos apresentados, pelas ONGs e em virtude da liderança da MINUSTAH desde 2004, transformou o país em um referencial no imaginário dos cidadãos haitianos. Isso vem levando muitos migrantes do Haiti a escolherem o Brasil como destino. (MORAES, ANDRADE e MATTOS, 2013, p.102-103).

A chegada dos imigrantes no Brasil, alguns têm amigos ou familiares que lhe compram passagem e recebem nas suas casas. Ajudar com questão de documentação, levar até a Polícia Federal e até arrumar serviço. A maioria desses imigrantes chegaram e não tem ninguém aqui. Muitos haitianos chegaram com um papel na mão que disse “KAY PÈ”, que significa “casa do padre”, em crioulo. Quem não tem um papel, já fala que vai na Casa do Migrante. E na Casa do Migrante os responsáveis ajudam no processo de documentação até conseguir um emprego. Na Missão Paz, em São Paulo, que acolhe muitos imigrantes, há um setor de assistência social para ajudar, e as empresas de todos os cantos do Brasil, vão atrás de imigrantes para trabalhar (ver Handerson, 2015).

Durante sua estadia na casa do migrante, o imigrante passa por um sistema de palestra, que se chama de Palestra Intercultural, promovida pela Sietar Brasil, que

teve início no final de 2012. Com o tempo, esse critério se tornou obrigatório: o imigrante não pode passar pela entrevista de trabalho na Missão Paz sem participar anteriormente da palestra. Os haitianos recebem as boas-vindas, as informações sobre leis trabalhistas e livretos e cartilhas da Organização Internacional do Trabalho (OIT) e do Ministério do Trabalho sobre a legislação. A palestra intercultural visa aumentar o potencial de integração dentro e fora do ambiente de trabalho, apresentando elementos da cultura brasileira muito propícios à adaptação, além de fornecer informações sobre obrigações e orientações sobre mecanismos de defesa em caso de exploração ou violação da legislação trabalhista.

Muitas empresas são da mesma cidade onde localiza-se a Casa do Migrante ou são de outras localidades do Brasil. Os empregadores vão na sala de espera, os imigrantes pegam senha e esperam ser chamados para uma entrevista. Muitos aceitam qualquer emprego, pois ainda nem sabem falar ou entender o português, sempre há intérprete, alguém para traduzir. Os haitianos muitas vezes emprestam dinheiro com juros para poder migrar. Assim eles se tornam reféns dos coitotes, que atuam como agentes atravessadores da migração. Há situações em que são os membros da família que juntam dinheiro para mandar um viajar, para depois mandar esse dinheiro de volta. E ajudar outro da família a viajar. Como ressaltou Handerson (2015), quase em cada 10 casas no Haiti, há um membro da família fora do país, um é “Diaspora”. De acordo com Mariana Sanches (2014) da Globo, São Paulo se tornou palco de uma legião de empresários e analistas de recursos humanos, especialmente das regiões Sul e Sudeste do Brasil.

Eles estão em busca de mão de obra, de preferência, boa e barata. Apenas no primeiro semestre de 2014, mais de 400 empresas contrataram ao menos 1,4 mil trabalhadores de fora do país. O movimento é inédito. Em um galpão improvisado da igreja Nossa Senhora da Paz convertida em um tipo de agência de empregos, ao menos 200 pessoas esperavam por oportunidades numa tarde do fim de julho. O anúncio das vagas era feito em inglês, francês e crioulo haitiano. Dezenas de imigrantes haitianos e africanos se lançavam com sofreguidão sobre os representantes das empresas, acotovelando-se para preencher fichas e lançando carteiras de trabalho recém expedidas sobre as mesas, sob os olhares satisfeitos e

um tanto surpresos de empresários.

Na maioria dos casos, o imigrante vem sozinho ao Brasil. Os membros da família que ficaram no país de origem juntaram o dinheiro de todos para que "aquela" pessoa pudesse vir, encontrar um trabalho e enviar dinheiro de volta para devolver. Tem a ilusão de que já está ganhando dinheiro depois de ficar aqui por dois meses. (Isso que faz parte do imaginário haitiano). Portanto, seu salário líquido não deve dar só para aluguel e comida, pois eles têm que enviar dinheiro para sua família, pagar dívidas, além do seu sustento. Assim, quando eles chegam aqui, aceitaram qualquer emprego, porque há uma obrigação de trabalhar e mandar dinheiro de volta e inclusive ajudar a família. Como veremos mais para frente, o haitiano tem na cultura essa questão de quem consegue sair do país precisa ajudar aos demais, se você não ajuda, para a sociedade você não presta, você não serve, não tem valor nenhum.

Os haitianos que chegaram ao Brasil com a ajuda financeira de familiares, amigos ou empréstimo de bancos ou cooperativa, necessitam enviar dinheiro para pagar essa dívida e também para sustentar a família. Quando ficam sabendo de hora extra, uma coisa que já é comum no Haiti, mesmo em inglês (overtime), (quanto mais, melhor) para poder cumprir com seus compromissos no país de origem. Na Casa do Migrante uma das áreas que mais procura os migrantes haitianos é a o do agronegócio. O trabalho nos frigoríficos tem sido objeto de estudos e de um conjunto de pesquisas nas últimas décadas, especialmente em regiões onde o agronegócio está prosperando, como no Paraná e no Oeste catarinense. Os estudos demonstram precarização do trabalho e prevalência de doenças entre os trabalhadores por causa da exploração violenta da força de trabalho. (HECK, 2013; BOSI, 2013; 2016; 2019; VARUSSA, 2016; SILVEIRA; MERLO, 2017). E na última década, esse setor passou a utilizar amplamente a mão de obra haitiana, pela ampla disponibilidade no mercado, baixa qualificação profissional, falta de conhecimento, etc.

A falta de domínio da língua portuguesa e conhecimento dos direitos trabalhista faz com que os imigrantes exercem mais esforço físicos e recebem salários baixos. Nesse caso, classe, raça e local de origem afetam a vida do imigrante. É quase impossível chegar num frigorífico e não encontrar haitianos, esse tipo de trabalho que

muitas pessoas recusam e quem trabalha manifesta o complicado que é. A exigência: habilidade de manuseio de facas e requisitos de velocidade, aceleração de repetição de movimento, e jornadas extensas é também uma característica da gestão da produção do abatedouro. Como resultado doenças dos tecidos moles, como tendinite e bursite, e transtornos mentais são mais comuns entre trabalhadores desse setor (VARUSSA, 2016). A recusa em trabalhar nesses frigoríficos aparece, inicialmente, justificada pelos trabalhadores pelos baixos salários e às difíceis e intoleráveis condições de trabalho, principalmente o ritmo das tarefas e as temperaturas frias em que os frangos são esquartejados. Mesmo quando há uma adaptação pouco traumática à rotina no frigorífico, o trabalho rapidamente se torna uma experiência dramática, repulsiva e humilhante (BOSI, 2013, p. 315).

Este cenário tem levado as empresas a recrutar trabalhadores de outros municípios, das regiões onde estão localizados imigrantes e refugiados, como o caso dos haitianos nas casas de migrantes. Entre as diferentes nacionalidades latino-americanas no país, os imigrantes haitianos, em 2013, passaram a ser a principal nacionalidade no mercado de trabalho formal no Brasil, superando os brasileiros. Também segundo o site (360,2023) haitianos são maior grupo de imigrantes no mercado de trabalho brasileiro, três anos mencionados, em 2014, eram 23.993, no ano 2015 um efetivo de 34.224. Apesar de uma redução em 2016, os haitianos continuam como o maior grupo de imigrantes no mercado de trabalho formal brasileiro. Dos mais de 115.961 trabalhadores estrangeiros contratados formalmente no Brasil em 2016, eram 26.127 do Haiti, representando 22,53%.

No dia 25 de janeiro de 2012, a apresentadora de um jornal estadual de TV, ao informar a chegada de empresários de Rondônia, em busca de contratação dos imigrantes haitianos, chamava atenção para um dos detalhes mais curiosos dos critérios de escolha: que é a grossura da canela. E faz a chamada para a reportagem externa, em que outro repórter faz a entrevista com um empresário, que afirma sem cerimônia: claramente que os que têm canela fina são preferidos por serem considerados melhor, e mais dispostos ao trabalho; e arremata ainda que: esse critério é bem antigo, era o mesmo usado no tempo da escravidão. Vê-se um processo de seleção dos trabalhadores que remonta ao tempo da escravidão. Com o

consentimento das autoridades, esses migrantes haitianos escolhidos naquele mercado de seres humanos que se transformou a praça de Brasília.

Os Estados do sul do país são os que mais aproveitaram a mão de obra haitiana. Em Manaus, no Amazonas, as instituições que acolhem os haitianos, (abrigos para refugiados, que se chamam também de casa do migrante) recebiam solicitações de várias partes do Sudeste e do Sul do país (Silva, 2012, p. 320). A Belo Horizonte (Minas Gerais), por exemplo, os primeiros haitianos chegaram logo no início de 2011 “por meio de contratação direta de empresa industrial na área de alimentação que os foi buscar na cidade de Manaus” (Fernandes, Castro e Ribeiro, 2014, p. 5). Estudos demonstram que no mercado de trabalho brasileiro formado por imigrantes, são os haitianos que continuam ocupando o primeiro lugar. Na pesquisa sobre horas trabalhadas, faixas de renda e atividade econômica, realizada pelo grupo de professores Tânia Tonhati, Leonardo Cavalcanti, Tuíla Botega e Antônio Tadeu de Oliveira, os autores apontam que os imigrantes realizam extensas jornadas de trabalho.

Também, Martins Renato, em seu trabalho de pesquisa, A Diáspora Haitiana da utopia à realidade, realizada na cidade de Cascavel. No item exército industrial, apontou que, Santa Catarina e Paraná são os estados com maiores produtores nacionais de proteína animal, onde estão localizados cooperativas agroindustriais e frigoríficos que controlam marcas renomadas. Em Cascavel, na época da pesquisa, eram mais de 500 haitianos que foram empregados na Coopavel e a Globo Aves. Eles substituíram o trabalhador nacional, que já não se submete mais a esse tipo de trabalho e nos frigoríficos. Como mencionado anteriormente, com a falta de mão de obra no setor os empresários recorriam aos trabalhadores dos municípios vizinhos, e a mão de obra estrangeira boa e barata.

Podemos observar uma similitude nas pesquisas. O resultado de (ROSA, VANUSSA, 2016), da sua pesquisa, é justamente igual a essa pesquisa de (MARTINS, RENATO, 2014). Os trabalhadores haitianos empregados na indústria alimentícia de Cascavel são adultos do sexo masculino, com nível superior, com carteira de trabalho, ganham cerca de R\$ 1.000,00 por mês e trabalham mais de 8

horas diárias. A maioria das pessoas está insatisfeita com as recompensas que recebe. Seduzidos por coiotes e com ideias distorcidas sobre o país, imaginavam salários mais altos no Brasil. A maioria dos haitianos aprende português por conta própria. Muitos concluíram o ensino superior. Mesmo com qualificações mais altas, não conseguem encontrar um emprego que corresponda à sua formação profissional. Eles veem isso como discriminação. (Martins, 2014). Entre os entrevistados estavam um agrônomo que trabalhava como operário na indústria alimentícia, uma professora primária que trabalhava como cozinheira, um historiador que trabalhava como cobrador de ônibus municipal e um cientista político como ajudante de construção. Quase todos enviam recursos aos parentes que ficaram no Haiti e recomendam que eles venham para o Brasil, mais especificamente para Cascavel.

2.3 Migração internacional e globalização

A globalização é entendida como a integração internacional, principalmente pela facilidade de comunicação por conta do fator tecnológico. E a migração internacional consiste na troca de países que os povos fizeram ao longo da história, pois não é algo característico do presente, mas da formação histórica do mundo. A globalização é um processo de integração internacional assimétrica que inclui aspectos econômicos, sociais, políticos e culturais, permitindo reduzir os custos de comunicação e mobilidade entre diferentes países, atravessando fronteiras. Esta ideia de globalização nasceu nos tempos modernos, mas sem dúvida a globalização tem seu ápice e formato diferenciado no final do século 20 e início do século XXI.

A migração é o ato de mudar de local de residência, seja região, cidade, estado ou país. Esta última corresponde à migração internacional, quando por algum motivo uma pessoa sai do país onde se encontra, que pode não ser o seu país de origem, e vai para outro país. A migração internacional não é um fator novo na sociedade moderna ou contemporânea, a verdade é que há muito se fala dela. Na América Latina, por exemplo, faz parte da formação histórica da região, pois a colonização por países europeus ocorreu há vários séculos e houve uma grande migração para as colônias. No entanto, não só pessoas dos colonizadores vieram para a América, mas também de outros países.

São vários os fatores que contribuem para a migração internacional, sendo eles: guerras; desastres ecológicos; perseguição cultural, étnica ou política; estudos e trabalho por melhores condições de vida, etc. Por outro lado, há impactos que ocorrem nos países que recebem esses imigrantes, onde pode ter um impacto positivo quando um país precisa de mão de obra e vem suprir essa necessidade. Porém, podem surgir altos níveis de desemprego em países que não têm estrutura para acomodar essas pessoas, por isso alguns países estão adotando políticas para conter o fluxo desses migrantes.

Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU,2015), o número de migrantes internacionais chegou a 244 milhões em 2015, um aumento de 41% em relação a 2000. Assim, 20 milhões são refugiados. O mesmo relatório afirma que, em 2015, 3,8% da população mundial era representada por migrantes internacionais. Apesar disso, ele chamou a atenção para as diferenças entre algumas regiões do globo: na Europa, América do Norte e Oceania, os migrantes representam pelo menos 10% da população, por outro lado, na África, América Latina, Ásia e Caribe, menos de 2% são representados por estrangeiros. Outro estudo da ONU aponta aumento da população de migrantes internacionais de 244 milhões em 2015, saltou para 272 milhões de pessoas em 2019. Assim, não há dúvida de que as migrações internacionais fazem parte da vida moderna, pois se espalham por todo o mundo, tanto por aqueles que partem quanto por aqueles que chegam. De alguma forma, esse fenômeno pode ser observado em todos os cantos do planeta.

Sem dúvida, as migrações internacionais se tornaram mais fáceis e práticas após o grande salto da globalização, com a possibilidade de superar distâncias. Em geral, os imigrantes são motivados principalmente pela busca de melhores condições de vida, tanto pelas desigualdades sociais em seus países de origem quanto, como no caso do Haiti, por conflitos armados, crises financeiras e até desastres naturais. Isso não é surpreendente porque, segundo (Milanovic 1999), o imperialismo é parte integrante da globalização. Os imigrantes vivem em um mundo onde a globalização dispensa as fronteiras, está em constante mudança, ostentando luxo, esbanjando informação, estimulando o consumo, despertando sonhos e, por fim, criando expectativas de uma vida melhor, alimentando o imaginário migratório como no caso

do Haiti. Segundo (Milovic, 1999), a globalização não é um processo onde os países participa de maneira igualitária em atividades de troca e produção. A globalização só ocorrerá quando um país hegemônico garanta estradas e mares seguros para muitos negociarem e investirem.

Para Martine, (2005), o processo migratório é inevitável e até provocado pela globalização. Esse movimento poderia ser um fator positivo para acabar com a desigualdade social. No entanto, o interesse envolvido não parte desse pressuposto, mas reforça a negação de direitos ao restringir a liberdade de locomoção. “[...] a globalização não se aplica à migração internacional: enquanto o capital financeiro e o comércio fluem livremente, a mão-de-obra se move a conta-gotas” (Martine, 2005: 3) Voltando a imaginação migratória haitiana. Faz sentido, a ideologia neoliberal que na prática dissemina informações para criar a percepção de que existe um mundo de oportunidades aberto a todos e uma sociedade digna aonde todos podem chegar e ter direitos garantidos. Encoraja a ideia de que existem esferas possíveis para a vida.

De um mundo sem fronteiras, liberdade de circulação e integração de povos e culturas, está no fim do processo os interesses das pessoas e do capital, neste caso a Liberdade nada mais é do que uma ideologia que exclui a circulação privilegiada de bens, serviços e mercadorias. Outro autor como (Zapata, 2001) para ele a liberdade de circulação não é consistente com a livre circulação do capital na globalização. E do ponto de vista dos direitos humanos, há a questão de saber se é justo que os Estados administrem suas economias com pessoas desprivilegiadas. A imigração parece ter sido comoditizada, pois eles são selecionados e aceitos com base na necessidade, se forem economicamente vantajosos. Fato extremamente injusto e que atenta contra a dignidade humana. Todos os imigrantes têm o direito moral de serem tratados de forma igual. Acima de tudo, os imigrantes são seres humanos e têm o direito de serem tratados como fim e não como meio.

Capítulo III

A migração e a (re)visita do imaginário

Como se pôde ver no capítulo II, a ferramenta teórica sociológica ajudou a entender como a migração está vinculada com outros aspectos dominantes que obrigam as pessoas a migrar. Assim, este capítulo tem como objetivo analisar o hiato entre a imaginação migratória e a realidade migratória que dificulta o sentimento de pertencimento dos migrantes haitianos no Brasil.

3.1 A migração e o transnacionalismo

Criticando os pressupostos implícitos em vários estudos de migração, Sassen (1988) mostrou que, embora seja inegável que a pobreza, o desemprego e a superpopulação tornam a migração possível, também é necessário identificar os processos que transformam essas condições para criar a situação que leva à migração. Estes processos estão relacionados com a reorganização da economia mundial nas últimas duas décadas, em resultado da qual se cria um espaço supranacional, em que o fluxo de trabalhadores é apenas um dos fluxos, exemplo: capital, bens, serviços ou informações. Nesse sentido, tendo em vista a internacionalização da produção e a reorganização da economia mundial, o investimento estrangeiro é uma das variáveis para entender os fluxos migratórios internacionais.

Ressaltamos que, em primeiro lugar, devemos compreender o que é o transnacionalismo, a fim de entender melhor nosso foco que é a migração. O que é transnacionalismo? Existe diferentes definições no que diz respeito à noção de trocas, relações e práticas transfronteiriças. No campo da migração, a existência de laços humanos em vários lugares ao mesmo tempo, onde a sensação de estar "em todo lugar e em lugar nenhum" se tornou comum. É desde sempre uma característica da

experiência do migrante. Viver uma vida além das fronteiras, lugares diferentes significam que o comércio e as trocas ocorrem além das fronteiras é um aspecto geral e duradouro da realidade e atividade da migração. Essas trocas não apenas na forma de ideias, valores e práticas, mas também de atividades políticas e contribuição econômica.

No contexto deste trabalho, o transnacionalismo é usado para olhar a imigração de um ângulo diferente. Ele destaca as conexões que os imigrantes estabelecem entre as nações. (Solé, Parella e Cavalcanti 2008), assinalam que as migrações contemporâneas são bem distintas das antigas. Dizem esses autores: “Una de las imágenes más frecuentes y arraigadas sobre la inmigración responde a las primeras etapas históricas de los movimientos migratorios, en las que se asume que los migrantes llegan a otro país para quedarse y pierden progresivamente los vínculos con su país de origen. Pero estas concepciones binarias ya no son válidas a la hora de captar las actuales migraciones internacionales en su complejidad. En la actualidad, los inmigrantes desarrollan redes, actividades, estilos de vida e ideologías que engloban a la vez las sociedades de origen y de destino”. (Solé, Parella e Cavalcanti, 2008, p.13)

Nesse novo cenário migratório, o imigrante mantém o vínculo com o seu país de origem, laços que ultrapassam as fronteiras. “Este hecho permite hacer emerger nuevos perfiles de inmigrantes y requiere nuevas conceptualizaciones”, afirmam estes pesquisadores (SOLÉ, PARELLA E CAVALCANTI 2008, p.13). Assim, o transnacionalismo fortalece os laços entre pessoas, comunidades e sociedades. Transcendendo fronteiras e mudando o cenário social, cultural, econômico e político entre país de origem e o de destino. De acordo com a Organização Internacional para as Migrações (OIM 2010), hoje é mais fácil do que nunca estar conectado a múltiplas realidades além das fronteiras. O desenvolvimento acelerado das redes de comunicação, transporte, comércio e informação.

O impacto da globalização fortaleceu os laços dos imigrantes com vários lugares. Os padrões de migração também mudaram. As migrações agora são de curto ou longo prazo, de longa duração, temporária ou permanente, ou constituída por um

conjunto de percursos que incluem: várias etapas, incluindo o retorno à origem. Como parte de uma "transferência em cadeia" Imigrantes de determinadas regiões ou cidades do país se deslocam principalmente para determinadas regiões. Regiões ou cidades específicas em outros países, muitas vezes com a ajuda de redes. Mesmo que não seja novo este fenômeno é um canal de transnacionalismo. Isso é o que acontece sob a ação dessas mutações, imigrantes estudam em um país, trabalham em outro e educam seus filhos em outro. Este sistema seja capaz de apresentar muitas variações.

Os haitianos com os quais mantenho contatos no Brasil, a começar dos meus colegas da UNILA, falaram que não querem ficar apenas enviando dinheiro ou viajar para Haiti. Eles querem ter uma vida normal aqui e fazer do Brasil a sua pátria também. Cada migrante pode ser ao mesmo tempo agente e sujeito do transnacionalismo, assumindo atividades e práticas transnacionais em graus variados. No entanto, todos os aspectos da vida de um migrante não tem uma dimensão transnacional. Ao contrário, é graças a efeitos da globalização que os vínculos transnacionais se tornem possíveis e comuns. Embora nem sempre, os imigrantes de segunda e terceira geração provavelmente estão envolvidos em atividade transnacional. Redes formais ou informais de imigrantes e diáspora podem ser representação de transnacionalismo, facilitando conexões transnacional. Diásporas no Haiti refere-se especialmente à pessoa natural de ascendência haitiana que reside ou nasceu no exterior (Audebert, 2012).

É importante lembrar que existem várias categorias de migrantes. Assim, atividades transnacionais de um migrante temporário ou circular serão diferentes das de um migrante permanente. As pessoas que se deslocam para prosseguir os estudos superiores, migrantes aposentados têm experiências transnacionais diferentes, especialmente em comparação com os migrantes pouco qualificados. Da mesma forma, os migrantes irregulares requerem atenção especial: se eles têm a mesma probabilidade de se envolvem em atividades transfronteiriças, no entanto, eles enfrentam maiores obstáculos e têm mais dificuldade em aceder a medidas susceptíveis de facilitar as suas contribuições em ambos os lados das fronteiras.

Frequentemente, o transnacionalismo afeta tanto aqueles que ficam no país quanto aqueles que o deixam. As famílias de migrantes que permanecem no país de origem, por exemplo, são partes interessadas importantes a serem consideradas. Como podemos observar, no artigo Vínculos entre Brasil e Haiti: Estratégias para a Reprodução de Famílias, Redes Socioeconômicas, de Antonio Jose Pedro, e “Voye kòb”, de Jhon Kelly Monace. Ambos se referem a existência de comunidades transnacionais haitianas em vários países. Antonio José Pedroso e Jhon Kelly Monace se interessaram em um tema que é super essencial e que é o motivo da migração, que é até cultural, que é o “VOYE KÒB”. Assim, há um grande volume trabalho já publicado sobre a imigração haitiana no Brasil, mas poucos tratam do voye kòb ou voye lajan, que significa “enviar dinheiro”, em crioulo haitiano, em todas as suas dimensões, enquanto as comunidades haitianas transnacionais em geral, incluindo o Brasil, enviam dinheiro e contribuir para o PIB do país (PEDRO. A, MONACE J. KELLY, 2022,p.3).

Segundo os autores, há uma discussão interessante sobre as remessas dessas comunidades transnacionais para o Haiti. Primeiro a contribuição das remessas em termos de benefícios econômicos e de desenvolvimento (MEF, 2018). Essas transferências foram estimadas em US\$ 3,2 bilhões em 2017 -18, representando mais de um terço do PIB (BRH, 2019; MEF, 2018). Os imigrantes haitianos do Brasil estão em sexto lugar de maiores remetentes para o Haiti, segundo dados oficiais do Haiti (BRH, 2019). Segundo dados oficiais brasileiros, o Haiti é um dos 10 principais destinos de remessas pessoais do Brasil, com um valor anual de quase US\$ 90 milhões. O valor médio individual desses negócios atingiu US\$ 108 em 2019 (até setembro), US\$ 116 em 2018 e US\$ 127 em 2017 (BCB, 2019).

Ademais, isto tem a ver com as escolhas individuais ou familiares que levam à formação de comunidades transnacionais. Indivíduos que são potenciais migrantes e membros de novas comunidade transnacional, consideram os custos e benefícios de sua migração. Custos e benefícios que não são apenas monetários, mas não monetários por natureza. Após a imigração, os indivíduos continuam a realizar vários tipos de avaliações e cálculos financeiros e não monetários em relação aos seus familiares de país de origem. Essa ideia é baseada na economia básica em que

atores, instituições e organizações perseguem objetivos econômicos sem serem separados de outros objetivos não econômicos e limitações como política, religião, cognição, sociabilidade, prestígio e status social.

Portanto, as remessas não são apenas a circulação de dinheiro, mas também a manutenção ou fortalecimento dos laços sociais com o país de origem. Ou seja, diz respeito à sociabilidade, às percepções, ao status social e ao poder dos indivíduos e grupos familiares. A vertente não monetária das remessas reside também no fluxo contínuo de remessas, sem qualquer tipo de contrato ou outra relação formal entre os imigrantes e as suas famílias. No entanto, os aspectos sociais e culturais dessa atividade econômica não são contabilizados na literatura disponível sobre a migração haitiana para o Brasil.

Segundo (OIM,2010), os vínculos transfronteiriços criados pelos migrantes podem se tornar vetores de troca relações culturais e sociais entre as sociedades, por exemplo, arte, música, filmes, entretenimento, culinária. Através da promoção do turismo, da popularização da medicina alternativa ou da interação na comunidade. No campo da educação e da pesquisa também. As trocas transnacionais podem ser obviamente de natureza econômica, assumindo a forma de remessas, investimento ou comércio de bens e serviços especializados originários dos países de onde vêm, por exemplo, os migrantes estabelecidos nos países de destino. Como já ressaltamos anteriormente o envio de dinheiro é uma prática que mantém a conexão dos migrantes haitianos no Brasil com os familiares que ficam no Haiti.

Os migrantes podem se envolver em ações sociais ou política para tornar seu país de origem mais conhecido em seu país de acolhimento, para fazer campanha para melhor proteção dos direitos humanos ou mobilizar fundos em benefício de comunidades em seu país de origem. Por exemplo as associações haitianas em vários estados do Brasil. Inclusive desenvolvem atividade similar ao Centro Cultural Brasil-Haiti (CCBH) que iniciou suas atividades na Place Boyer, número 168, em fevereiro de 2008. Que além de oferecer aulas de português, há diversas atividades culturais no CCBH, entre as quais se destacam aulas de capoeira; de danças brasileiras (axé, samba e ciranda) e haitianas (folklore); e de canto (coral livre, orientado por um

maestro, que conduz ensaios semanais). Assim como as transferências financeiras, essas contribuições são particularmente valiosos em tempos de reconstrução pós-conflito, ou após um desastre natural.

Além disso, os migrantes podem influenciar de maneiras mais sutis a ideias correntes nas sociedades de origem e de acolhimento, por exemplo distribuindo pontos diferentes visões sobre as normas e práticas sociais e políticas vigentes nos países de origem, ou tornando as suas culturas mais conhecidas na sociedade de destino. É o caso dos estudantes haitianos das Universidades Brasileiras que participam nas atividades culturais. E nas exposições culturais das fundações culturais do Brasil. Finalmente, os migrantes e suas famílias podem perceber que sua existência transnacional é uma fonte de abundância e realização pessoal, lhes permite melhorar seu nível de educação, suas perspectivas profissionais e seu padrão de vida. Isso vale para suas habilidades linguísticas. A perspectiva pessoal e a capacidade de navegar por várias culturas são muito importantes. É gratificante. Estas são apenas algumas das muitas outras possibilidades que oferece o transnacionalismo. Estes são apenas alguns exemplos, entre muitos outros, de oportunidades oferecidas pela transnacionalismo.

Os desafios do transnacionalismo, são numerosos que seja a nível individual ou familiar. Em primeiro lugar, a ruptura ou desmembramento da família causada pela migração, porque às vezes quem sai é o responsável por prover as necessidades da família e com a ruptura isso pode ser particularmente dramático. Em alguns casos, é a separação de pais e filhos que realmente pode criar problemas psicossociais e aumentar a vulnerabilidade daqueles que permanecem no país. Muitas vezes, os idosos recebem novas tarefas de babá, quando eles próprios precisariam do apoio de outras pessoas. Outra situação é que o desmembramento da família pode ter repercussões sociais importantes.

Geralmente, são as mulheres as mais afetadas, porque no caso do nosso país, os homens vão antes e depois para mandar dinheiro para cuidar da família e poupar para trazer a família (reunião familiar). Em segundo lugar, o transnacionalismo pode ter como consequência limitar ou mesmo impedir o acesso dos migrantes aos

benefícios de pensões e seguros de saúde devido à impossibilidade de transferir os direitos e benefícios acumulados quando saem, embora tenham contribuído para esses planos. É claro que muitos haitianos saem do Brasil rumo aos Estados Unidos, eles trabalham há vários anos e todas as suas contribuições permanecem aqui. Finalmente, a experiência transnacional pode fazer com que algumas pessoas percam seu senso de identidade e pertencimento. O que analisaremos no próximo item.

Esse problema também pode separar as famílias, por exemplo, quando os filhos se sentem ligados a um país diferente de seus pais. A nível social, embora seja verdade que os migrantes trazem novas ideias para o país de acolhimento, algumas comunidades migrantes podem, no entanto, permanecer ligadas a modos de vida que associam ao seu local de origem, mesmo que as tradições tenham evoluído desde então. De fato, muitos migrantes vivem em dois mundos, e situações que por vezes ocorrem no país de acolhimento destroem o processo de construção do sentimento de pertencimento, é o caso de vários haitianos brasileiros naturalizados e um grupo de brasileiros disse que não têm o direito de discutir a política do país mesmo que tenham nacionalidade, pelo motivo de não terem nascido no país. O migrante quando não se sente bem, quando é tratado de forma banal, apesar de todos os esforços só pensa em uma coisa, sair do país, e se não sai, fica apenas esperando uma oportunidade, só repensa o imaginário migratório.

3.2. A experiência migratória: racismo e xenofobia

Para abordar esse tema, faremos uso de obra “Os estabelecidos e os outsiders, das lógicas da exclusão”, de Nobert Elias. A pesquisa realizada em campo por John L. Scotson sob a direção de Nobert Elias se insere na tradição da sociologia urbana desenvolvida pelos partidários da escola de Chicago, e busca compreender, por meio de levantamentos empíricos, os problemas causados pela chegada de populações imigrantes na cidade de Chicago. Da obra de Baumann e relatos dos imigrantes haitianos na mídia digital. E outras literaturas, como *Open Arms, Closed Doors* (Braços abertos, Portas fechadas) etc.

O negro no Brasil, estruturalmente, ainda carrega dificuldades que se arrastam

desde à época da escravidão. Mesmo com as iniciativas de promoção de igualdade racial, ainda que tenham conquistado cada vez mais destaque e espaço na sociedade, as ações voltadas para coibir o racismo ainda são tímidas para enfrentar o tamanho do preconceito existente no país. Como apontamos no início deste trabalho, os haitianos acharam o Brasil um lugar sem esse tipo de problemas. Sobretudo com a figura do rei Pelé, como negro.

Como bem ressaltado, a presença do batalhão brasileiro no Haiti, incentiva o imaginário haitiano e eles até acharam que os soldados Brasileiros mais cordiais. Sobretudo o haitiano é um apaixonado por futebol, a maioria da população são torcedores do Time brasileiro e a seleção brasileiro até foi para Haiti jogar uma partida pela paz. A presença da construtora OAS, são várias razões que alimentaram a imaginação migratória haitiana, de pintar um Brasil desconhecido. Como bem apontou (Silva,2012) os haitianos se arrependeram de ter vindo para o Brasil. Os imigrantes começaram a conhecer o Brasil que eles imaginaram bem diferente, o país das oportunidades e que acolhe bem os estrangeiros. "O eldorado tão querido não era aquele encontrado quando chega aqui" (Handerson, 2015, p.79).

A singularidade das lógicas de exclusão de Norbert Elias e John Scotson L é, nos seus próprios termos, abordar concretamente os problemas fundamentais do racismo, da segregação e das relações de exclusão social no terreno onde não se espera encontrar problemas de raça e etnia e onde se pode esperar que as relações de classe sobre determinar todas as outras relações sociais. (Elias, 1965 [2015]: 13). Uma situação bastante paradoxal que permitirá ao autor expor o racismo sem raça e a exclusão sem fratura econômica (Ibid: 13).

Com a coesão social e relação de poder, os que lá estavam antes conseguiram construir graças à sua antiguidade e ao estabelecimento de padrões reforçados pelo controle social e pelas pressões sobre os habitantes que conseguem criar um (nós) e os que são novos as chegadas não modeladas por estas normas só podem constituir aos olhos desta (comunidade) um perigo de desestabilização da ordem estabelecida. São considerados como estrangeiros que não partilham dos seus valores e dos seus modos de vida, estas representações os levam a mantê-los à distância no cotidiano,

à margem dos locais de decisão, associações de lazer, clubes e até igrejas conhecidas no imaginário coletivo. Esses mecanismos são perpetuados de geração em geração.

Nobert Elias conduz-nos assim a relações de poder em que os grupos dominantes reforçam a sua coesão excluindo os marginalizados. No caso do Wiston Parva é espalhando boatos, fofocas ou exibindo preconceito que os dominantes passam a deter a imagem dos recém-chegados. A fórmula é igual, quando os imigrantes chegaram nas fronteiras, os jornais começaram a difundir, falando de uma crise migratória, de sistema que vai entrar em colapso etc. Como Bauman apontou na sua obra, *Estranhos à Nossa Porta*, ele analisou as origens e o impacto do pânico moral gerado pelos intensos fluxos migratórios, o processo de desumanização que envolve os recém-chegados, que tem transformado as migrações de tema moral em uma questão de segurança.

Às vezes os políticos fazem uso do fenômeno migratório para ganhar votos. O autor relatou como o imigrante é considerado pela sociedade como um problema a resolver. A ignorância em relação a esse “outro” estrangeiro, que Bauman já apontava em obras anteriores: na *Modernidade Líquida* (1999) e *Amor Líquido* (2003) de uma “insegurança existencial” de integrantes de setores sociais já prejudicados pelos efeitos da globalização, mas preferem apontar os imigrantes como culpados por suas vulneráveis condições de vida, ou como ameaças a oportunidades no mercado de trabalho.

Esse terreno torna-se fértil para o crescimento da xenofobia, do racismo. Como aconteceu em São Paulo, onde fica o serviço da Missão Paz, que acolhe os imigrantes na capital paulista. De acordo com o relato das vítimas deste segundo ataque, um carro cinza passou por eles, com quatro pessoas, e um dos ocupantes os identificou antes de disparar: Um dos homens gritou: “Haitianos, vocês roubam os nossos empregos”. E aí saiu atirando afirma o haitiano Patrick Dieudanne, que ajudou no socorro às vítimas. Vemos todas as características de um atentado motivado por xenofobia, afirmação de Paulo Illes, coordenador de políticas para migrantes da Prefeitura de São Paulo, que acompanha o caso (GLOBO, 2015).

Voltando ao Nobert Elias, o significado dessas lógicas de exclusão. Por meio dessas lógicas de exclusão entendemos que fenômenos como o racismo pode se desenvolver mesmo no contexto do pleno emprego, toda essa discriminação, essa exclusão, essa rejeição de que são vítimas os outsiders, não tem justificativa econômica. Não é um lucro econômico que os estabelecimentos obtêm dela, mas prestígio e sentimento de superioridade. Com Nobert Elias entendemos que o racismo não precisa de diferença física objetiva e material (preto, branco por exemplo) para se manifestar. No caso do Brasil existe sim, e com a presença dos haitianos, como nos mostra a pesquisa de (Martins, Souza, Araujo e Zomichani, 2014). Pelo fato de o Brasil ser um país de uma grande trajetória a de escravização, quando os imigrantes chegam e são antes de tudo pessoas de pele negra, esses estabelecimentos se sentem superiores porque no país como mencionamos anteriormente, os negros do Brasil ainda sofrem com a causa da escravidão, então no caso do Brasil há uma questão de raça.

O racismo cria suas diferenças por meio de representações sociais ou para colocar de forma concreta, imagens em nossas cabeças, então os imigrantes são sempre vistos como um problema. Finalmente, Nobert nos mostra que a exclusão não é um fenômeno abstrato, mas um fato social que responde a um determinado processo de funcionamento, posto em ação concretamente pelos próprios atores. No caso de racismo do Brasil, para o antropólogo Darcy Ribeiro, o racismo brasileiro é assimilacionista na medida em que, em diferentes momentos da história do país, chegou a estimular esse branqueamento. Segundo ele, “a peculiaridade do racismo brasileiro vem de uma situação em que a mestiçagem não é desprezada, mas defendida” (Ribeiro 1995, 234).

A noção de racismo assimilacionista ajuda a entender por que suas expressões não estão necessariamente ligadas às origens étnicas da população, mas, sim, às representações sociais e culturais da cor da pele. Na mesma linha, Darcy Ribeiro especifica que “nessa escala, o preto é pintado de preto, o mulato já é cinza e, como tal, meio branco; e se a pele dele for um pouco mais clara, ele já está começando a entrar na comunidade branca. Notamos que aqui se define uma lavagem puramente

social ou cultural” (Ribeiro 1995, 225). Na dinâmica do racismo assimilacionista, a “brancura” torna-se uma condição adquirida pela miscigenação, ou pela incorporação de marcadores raciais como a brancura da pele.

No espetáculo, o Haiti é Aqui: Evidencia-se que imigrantes haitianos nas mídias digitais expõem seus processos de reconhecimento da existência, no Brasil, de um racismo “não imaginado” antes do processo migratório, assim como de descoberta das especificidades que configuram as relações raciais no contexto brasileiro. Em outro espetáculo teatral, Cidade Vodú, elaborado por artistas brasileiros e haitianos, mostra que ao chegarem ao Brasil, eles se deparam com um racismo inesperado. As perspectivas silenciosas de imigrantes e refugiados haitianos são reveladas, falando no palco sobre os preconceitos que eles encontram aqui. O primeiro, que também trabalha como cineasta, disse: Se você é negro, há lugares que não são feitos para você. Você está no ônibus e ninguém quer sentar ao seu lado.

Esse tipo de relato faz pensar, que no imaginário haitiano, antes de chegar aqui o imigrante nunca pensou que entrando num shopping ou lojas poderia estar vigiado por um segurança só por ser negro, e quando chega, o pior, é que o próprio negro daqui sofre o mesmo. No espetáculo teatral "O Haiti Somos Somos", atores haitianos compartilham com o público suas experiências de migração e integração na cidade de São Paulo, bem como suas descobertas sobre as peculiaridades do "racismo brasileiro" expressão como 'volta pro seu país, o Haiti não é aqui'.

O documentário: Open Arms, closed Doors, nos mostra o imigrante como já apontado, no primeiro capítulo, cria expectativa. O que vários autores chamam de imaginário. O documentário retrata o cotidiano e as dificuldades enfrentadas por Badharo, um rapper angolano que vive no Rio de Janeiro desde 1997. Badharo revela em suas letras o que ele supõe ser uma das questões que mais o marcaram ao longo de sua passagem país: o fato de que, mesmo com uma massiva população negra – e que tem contribuído de forma essencial para a construção da nação – o Brasil é, em sua opinião, o país mais racista do mundo. A fala do Badharo não é mais que uma confirmação que fora do negro brasileiro, os que mais sofrem do racismo, são os haitianos e africanos. As realizadoras do documentário, Fernanda Polacow e Juliana

Borges, abalaram a autoimagem do brasileiro, aquela que afirma que sua cultura e o indivíduo médio são acolhedor e receptivo aos estrangeiros em geral. Em um texto sobre o documentário, eles criticam as diferenças de tratamento dos brasileiros em relação aos estrangeiros em função de sua origem.

Segundo (Darcy Ribeiro (2006), um exame das carreiras dos negros no Brasil revela que, desde o primeiro momento em que foram introduzidos como escravos, eles foram destinados a desempenhar as tarefas mais difíceis como mão de obra em todos os setores da produção. Era simplesmente um investimento destinado a maximizar os lucros e estava à beira da sobrevivência. Nesse caso o imigrante negro, quando chega num país assim, para os nacionais que são racistas, já é como escravo e mais uma vítima do racismo e todo tipo de preconceito. Para ter uma ideia a mais. Os negros que foram elevados à condição de trabalhadores livres antes e depois da abolição, foram envolvidos em novas formas de exploração. E só poderiam se integrar ao mundo social e cultural. Se o subproletariado fosse forçado a exercer seu antigo papel. Principalmente o de animais de serviço.

No trabalho de campo realizada na cidade de Cascavel sob a coordenação do Professor José Renato Vieira Martins, A Diáspora haitiana: da utopia à realidade. Segundo o autor, o censo de 2010 indica que 70% da população de Cascavel se declara branca. Do ponto de vista étnico e racial, é uma cidade muito homogênea. No entanto, a população reage de modo diverso à presença dos imigrantes haitianos. E como em toda parte, o fenômeno migratório provoca atitudes que vão da segregação à assimilação. “É difícil permanecer indiferente diante dos estrangeiros, e os brasileiros tendem a reproduzir experiências nacionais, marcadas pelo legado da escravidão, no contato com os migrantes” (Martins, Renato, 2014, p.7). Mas presença dos brancos, principalmente norte- americanos e europeus, há um sentimento de inferioridade e subordinação. E quando se trata de outros, como no caso de africano e haitianos é uma atitude arrogante e superior.

Um terço dos haitianos declarou ter sofrido, vários tipos de preconceito. Porcentagem que pode ser maior, pois muitos temem sofrer represálias, especialmente nos locais de trabalho. Como relata o site o Joio e o Trigo, investigação

sobre alimentação, saúde e poder. Nesse trabalho de investigação, os imigrantes haitianos sofrem de Racismo e xenofobia na indústria da carne. Um dos setores que mais empregam haitianos, são os frigoríficos e construção civil. O site apontou essa publicação de 05.08.21, que, em Santa Catarina, um terço dos casos de discriminação no trabalho são contra haitianos e africanos. Uma cena horrível, onde outro colega haitiano filma o maltrato de um haitiano no chão, maltratado por dois seguranças, ficando sem ar dentro de uma fábrica da BRF. Como ressaltado anteriormente nesse mesmo item, Nobert Elias nos mostra, a estratégia dos estabelecidos, em Wiston Parva. Para reforçar a sua coesão, excluindo os marginalizados. Eles espalharam boatos, fofocas ou exibindo preconceito, para assim sujar a imagem dos outsiders.

Nas entrevistas em Cascavel, da pesquisa realizada pelo grupo(Martins, Souza, Araujo e Zomichani) interlocutores relatam que as pessoas associam o aumento dos casos do HIV na cidade com a chegada dos haitianos. “Trata-se de uma manifestação racista duplamente cruel. Em primeiro lugar, porque é infundada, não havendo nenhum registro oficial que permita fazer essa afirmação. Em segundo, porque associa o vírus responsável por uma pandemia mundial a um grupo específico, estigmatizando-o e isolando-o. Configura uma estratégia racista similar a do século passado, que recorria a argumentos pretensamente biológicos para compor uma hierarquia social a partir da classificação das raças”. (Martins, 2014, p.8).

3.3. Sentimento de pertencimento e migração

O sentimento de pertencimento tem sido tema de muitas disciplinas. As ciências sociais têm abordado essa questão por meio das contribuições da filosofia, antropologia, sociologia, história e psicologia (Zittoun & Söderström, 2015). Embora tentemos definir um referencial teórico preciso, desenvolvemos este trabalho sem esquecer que o conceito de sentimento de pertença concerne a diferentes disciplinas, cada uma das quais contribui para a sua compreensão. A etimologia do termo sentimento de pertencimento, remete ao conceito de sentir-se em casa. Essa expressão faz parte da nossa linguagem e muitas vezes é usada para expressar um sentimento de segurança ou felicidade (Mwen santim lakaymwen).

O senso comum nos diz que a casa é espontaneamente associada a valores positivos, “sentimentos de conforto, segurança, pertencimento, facilidade, familiaridade e raízes” (Märtsin & Mahmoud, 2012, p. 730). A importância do sentimento de pertencimento (sentir em casa), na vida das pessoas também se reflete no fato de estar em um “lugar de segurança e proteção” (Märtsin & Mahmoud, 2012, p. 730). De fato, o espaço onde a pessoa está, pode ser entendido como um elemento que oferece respeito. O sentimento de pertencimento possibilita manter a própria identidade e confiar na estabilidade do meio social. Em outras palavras, a sensação de estar em casa, cria calma ao invocar mecanismos baseados na confiança na continuidade biográfica, permitindo que os indivíduos gerenciem sua ansiedade.

O sentimento de pertencimento de um indivíduo a um determinado espaço faz referência ao pertencimento, que é definido como uma sensação de bem-estar consigo mesmo e a um ambiente determinado. No entanto, a correlação positiva entre pertencimento e sentimento de estar em casa não é tão óbvia. A sensação de estar em casa pode entrar em conflito com a ideia de pertencimento. De fato, os imigrantes por vezes sentem-se em casa no seu país de origem, embora o seu sentimento de pertencimento, muitas vezes permaneça dual e, em alguns casos, ambivalente. O sentimento de pertencimento devolve a ideia de se sentir em casa, e a casa que não é apenas um lugar físico, mas também um lugar de diversos sentimentos e relações. « Home is a place/site, a set of feelings/ cultural meanings, and the relations between the two » (Blunt & Dowling, 2006, p. 2). De acordo com (Märtsin & Mahmoud, 2012), a casa é um espaço simbólico. Entrar no espaço habitado significa “acessar um lugar técnico que cumpre funções como abrigo, alimentação, etc., mas também um espaço social e cultural carregado de signos” (Segalen & Le Wita, 1993, p. 12).

Essa dupla dimensão da casa como lugar físico e simbólico pode ser apreendida através da reflexão de Dovey (1985). O autor insiste na diferença entre os termos casa e lar, o primeiro se refere a um espaço físico objetivamente mensurável, enquanto o segundo se refere a experiências significativas para o indivíduo. A partir dessa segunda dimensão, podemos entender o espaço habitado como uma experiência espacial de estar no mundo, que nos remete a lógicas individuais de

construção e fabricação. Portanto, apreender a casa como uma construção que possui dimensões afetivas sugere compreender, “home-building como a construção do sentimento de estar ‘em casa’” (Hage, 1997, p. 100).

Nessa perspectiva, diversos aspectos contribuem para a construção desse sentimento de estar em casa. Em primeiro lugar, esta construção é realizada em torno de um sentimento de segurança, que permite satisfazer as necessidades e ficar longe dos perigos. Em segundo lugar, envolve um sentimento de familiaridade, que proporciona conhecimento sobre o funcionamento do ambiente. Terceiro, neste processo de fabricação, também entra em jogo um senso de comunidade, que nos permite reconhecer as pessoas ao nosso redor. Por fim, essa construção também envolve ideias de oportunidade e esperança, que permitem a auto realização. Migração e sentimento de pertencimento, são processos dinâmicos.

A relação entre o indivíduo e o meio ambiente é dinâmica e recíproca. Você pode, portanto, nos colocar em uma abordagem dialética, que implica “a vivência de circunstâncias opostas ou contrastantes”. Os deslocamentos para longe de nossa pátria não são necessariamente acompanhados de turbulência, perda e dor, e nem sempre são acompanhados de recuperação e estabilidade. A migração não é uma via de mão única “um movimento de mão única e de uma vez por todas de um lugar de origem para um destino” (Söderström et al., 2013, p. XIII), pelo contrário, como mostra as relações transnacionais, é um processo ativo e dialético.

A migração pode criar diferentes situações, diversidade de resultados, desde dor e trauma, também sentimento de alegria, alívio e autodescoberta. O conceito de lar está sendo constantemente reformulado neste processo em constante evolução de “estar em casa, estar longe de casa e estar ‘nunca em casa’” (Märtsin & Mahmoud, 2012, p. 731). O sentimento de pertencimento, neste contexto é o resultado de uma relação dinâmica com o espaço. “Uma relação que o sujeito cria constantemente com os espaços que percorre” (Amphoux & Mondada, 1989, p. 138). Deste ponto de vista, a casa é um pavimento de diferentes experiências e um lar (o sentimento de pertencimento pode ser traduzido por um sentimento de "estar dividido entre pertencer a dois ou mais lugares, ou não pertencer a nenhum lugar" (Fozdar & Hartley, 2014,

p.139).

A possível existência de várias filiações nos indica que "o valor de viver em si já não reside na referência a um lugar estável ou de ancoragem, e sua singularidade se perde em favor de uma configuração mais complexa de vários- eus dotados de qualidades complementares" (Serfaty-Garzon, 2006, p. 13). Assim, é possível compreender o sentimento de pertencimento como prática. Ou seja, traduz-se numa ação que visa a construção de um espaço que lhe é próprio, materialmente simbólico. Tudo isso nos faz entender o porquê de um grande número de migrantes haitianos foi gradualmente levado a abandonar esse projeto migratório, rumo aos Estados Unidos. O indivíduo quando ele faz do espaço dele, é fácil construir seu sentimento de pertencimento, caso contrário, ele pensa em fugir.

Pois bem, é importante retomar a noção de sentimento de pertencimento, para entender como varios imigrantes haitianos, mesmo com cidadania brasileira, enfrentando uma situação de natureza racista. Muitos relataram depois de ter a familia muitos anos trabalhando, construindo seu sentimento de pertencimento, estudandaram, se formaram aqui. Mas a cada dia que passa eles vivem momento de desconstrução desse sentimento. O ser humano quando ele se sente bem no espaço conquistado, ele começa a criar expectativa, até mais do que ele criou antes do projeto migratório e com a segurança de que ele está bem, ele vai construindo seu sentimento de pertencimento, caso contrário, ele se vê obrigado a abandonar. Assim entendemos com a saída dos haitianos do para Brasil rumo aos Estados unidos, não implica só a crise economica, senão a oposição enfrentada diariamente, na luta para a construir um sentimento de pertença, que possibilita a sua estabilidade no país.

Observamos que mesmo depois de chegar no país, e encontrar uma realidade diferente daquela imaginada antes, muitos utilizam estratégias, para se manter e até se acostumar (se sentir em casa). Mas com as experiências de cada dia, e sobretudo por conta do racismo, da xenofobia, a pessoa repensa suas decisões, e se dá conta do imenso hiato que existe entre o imaginário migratório e as realidades da migração. Com este trabalho nos demos conta que o haitiano é um ser em permanente mobilidade, e o lugar onde se encontra, não é o seu destino definitivo, o corpo dele

está no Brasil, mas o espírito se encontra nos Estados Unidos, Canadá etc. Seu sonho de ser um grande diáspora permanece vivo. Entendemos que todos os municípios onde há comunidades haitianas, não so haitianos senão imigrantes, deveriam envolver-se na integração dos imigrantes, usar a originalidade do conteúdo das políticas locais em relação aos modelos nacionais de integração, e também analisar o impacto dessas políticas locais junto às populações imigrantes, com um tipo de pesquisa, por exemplo, usando dados, pesquisas que estão fazendo sobre migração para obter ideias mais claras sobre a situação dos imigrantes.

Também é sumamente importante educar a população, fazendo saber que o fenômeno migratório também dá frutos, com mão-de-obra estrangeira qualificada. E sabemos que a política de integração do Brasil é que o migrante tenha acesso rápido a sua carteira de trabalho, para poder trabalhar e contribuir. Mas isso não é suficiente se a população não estiver educada para recebê-los sem preconceito, racismo e xenofobia. A mídia e os políticos devem cessar de usar a migração para fins eleitorais. Não é verdade que o desemprego, saúde etc, é culpa dos imigrantes. Eles não roubam os empregos de ninguém, eles gostam de trabalhar e pagar as contribuições, e sobretudo ocupam as vagas que muitos nacionais já não querem mais ocupar.

No caso dos haitianos a mídia escrita ou televisiva, tem essa mania de projetar uma imagem degradante do Haiti, em vez de mostrar a beleza do país, haiti é uma ilha, tem mar caribe, riquezas, recursos naturais, inclusive, sendo explorados clandestinamente pelos inimigos do país. importante é não projete só a parte ruim do país para definir o Haiti, que quem é educado pelo menos sabe da história desse país, maltratado, impedido de ser um país de verdade. Porque é uma ilha, como ressaltamos, tem tudo para ser uma grande nação. Infelizmente os haitianos não são dono do destino daquela terra.

Durante este trabalho entendemos que na população brasileira, muitas pessoas tratam os imigrantes de forma diferente e seletiva, se você é negro e de um país pobre você são muito maltratados, se você é migrante e tem pele clara são menos violentos, agora se você é branco não importa que seja pobre, e se o migrante é branco é tratado com respeito. nunca vimos, nem da secretaria de cultura nem da

prefeitura, deixar um jingle no rádio e na TV, falando Aplicar o princípio da não discriminação: nas comunidades que tive a chance de viver, como as pessoas devem tratar os migrantes.

Nas escolas não discutimos isso, e importante sobretudo os filhos dos migrantes se eles se sentem bem aqui, isso pode fazer com que os pais não saem do país. Porque é mais fácil para os filhos construir o sentimento de pertencimento, porque eles não tinham uma história tão ampla como os pais com o país de origem. Ao invés de uma discussão partindo da forma de ver a realidade do migrante, usa-se uma linguagem bastante pejorativa, enumerando os anos de miséria, projetando imagens negativas, falando da fome que passa o povo do país dos imigrantes. Deve haver uma política de espalhar o respeito ao migrante, em vez de deixar que a população tire suas próprias conclusões a partir da presença do migrante.

Dar ao imigrante a oportunidade de trabalhar se ele estiver qualificado para um emprego, porque dar ao imigrante a chance de se profissionalizar e depois bloqueá-lo não adianta. Levantar as preocupações da população: realizar estudos de campo sobre os imigrantes para saber o que pensam da sua situação de forma a ter informação suficiente para tomar decisões sobre eles. O processo de reagrupamento familiar deve ser feito no país de acolhimento, este é o maior problema no caso do Brasil, que é diferente de outros países.

A pessoa que está no Brasil deve poder fazer tudo aqui, e só enviar a homologação para a família no Haiti, pois em outros países o mesmo migrante vai para a imigração e faz o processo para a família deixada no país de origem. Por fim a questão do salário é o grande problema que impede o migrante haitiano de ficar no Brasil, mas se a pessoa for bem tratada no país ela vai trazer a família dela e viver com o pouco que ele é, mas se for tratado como nada, racismo, xenofobia e um salário que não atende às suas necessidades, eles nunca vão ficar, porque em entrevistas muitos dizem que ficam aqui porque não têm dinheiro suficiente, outros porque têm medo de morrer no caminho para os Estados Unidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho centrou suas reflexões no tema do imaginário migratório e, mais especificamente, na imaginação migratória haitiana, que primeiro prepara sua viagem, escolhendo um destino. Com a ajuda de uma revisão bibliográfica diversificada, procurámos definir o conceito de imaginário, saber o que o compõe, compreender as suas origens, os seus comportamentos e as suas mutações. Retemos das várias perspectivas teóricas que o imaginário é uma construção dinâmica com uma função criativa e emancipatória para o indivíduo.

O imaginário permite representar o mundo e nele se ancorar criando diferentes histórias e produções pictóricas. É tanto o reflexo do interior da pessoa, é o espelho das suas emoções, como do mundo exterior, de muitas representações coletivas e universos imaginários. A imaginário migratório, por seu lado, cumpre os mesmos requisitos e a única exceção é a de se concretizar num contexto específico, nomeadamente o da migração. Assim, esse imaginário particular é composto por construções psíquicas individuais e coletivas que permitem ao sujeito antecipar a realidade, projetar como será a migração e, principalmente, a chegada ao país de acolhimento.

Focando nesse imaginário no migrante haitiano e seu encontro com as realidades da migração, este trabalho articula a reflexão em torno de períodos constitutivos da experiência migratória, ou seja, o período pré e pós migratório. A primeira sendo a construção do projeto e da imaginação e a segunda o encontro dessa imaginação migratória com a realidade da migração. Assim entregamos revisões literárias aplicando um trabalho de investigação de que pessoas como migrantes voluntários constituíram a amostra.

Assim, procuramos primeiramente entender o caminho percorrido para chegar à decisão de migrar e, ao mesmo tempo, melhor delinear os contornos de sua imaginação e de seu projeto migratório. As motivações de saída dos migrantes, divididas em fatores de atração, são muito alimentadas por um desejo de realização pessoal. Pela atração que o Brasil representa, por sua fronteira aberta, favorecendo a

entrada de migrantes. Migrantes de países de poucas oportunidades oferecidas às suas populações ou migrantes de países em situação de conflitos e guerra etc. ou também falta de oportunidades profissionais interessantes para pessoas qualificadas e educadas, bem como precariedade econômica e política. Diante da incerteza de poder se realizar no Haiti ou ter um futuro melhor, eles se voltaram para outro lugar.

No contexto da migração voluntária, a força de mobilidade mais importante continua a ser o indivíduo, na sua capacidade de fazer escolhas e de concretizar uma imaginação e um projeto moldados por sonhos e ambições. Conseqüentemente, o outro lugar(viajar) muitas vezes se torna a personificação desse desejo de realização e acesso a melhores condições de vida. Para melhor definir o imaginário do migrante, ao longo de todas as literaturas consultadas chegamos às diferentes concepções, imagens e saberes que os migrantes haitianos tinham do Brasil antes de virem para lá. Assim, o Brasil é conceituado no Haiti como um país acolhedor, respeito aos direitos, democracia e multiétnica. Ele foi escolhido pelos haitianos principalmente por essas características anteriores que lhe atribuem, mas também por sua abertura à fronteira, pelas diferentes oportunidades de trabalho, pois muitos haitianos tiveram a oportunidade de trabalhar no Haiti na empresa brasileira OAS.

Nas palavras de alguns, o Brasil é o país dos sonhos dos haitianos, pensando que poderiam chegar e encontrar os grandes jogadores do futebol. Trabalhar e ganhar muito dinheiro para mandar para a família e fazer como as diásporas de outros países, como Estados Unidos, Canadá e França, que depois de um tempo, podem construir uma linda casa no Haiti e viajar nas férias. Esses migrantes expressam sua decepção após a experiência migratória, como alguns relatam em (Handerson, 2015), se eu soubesse que seria assim, não teria vindo para cá. Percebemos também que a escolha do Brasil é feita em função de vários atributos fáticos, mas também em conexão com a esfera afetiva do sujeito.

Existe um certo desconhecimento das condições de vida no Brasil e das realidades que os migrantes podem encontrar neste território. Nesta etapa do percurso migratório, o foco tem sido colocado mais no processo dos migrantes para superar suas situações, suas estratégias para viver as realidades da migração. Isso

deixa a impressão de que o migrante chega despreparado para o encontro com as diversas realidades inerentes à migração, ao território de assentamento e ao migrante. Da migração agora realizada, chega o momento do encontro entre o imaginado e a realidade. As histórias das pessoas mostram a dificuldade dos migrantes em se sentirem em casa, em construir um sentimento de pertencimento. Agora sabemos com mais certeza que a imaginação migratória tem de fato um impacto na recepção da experiência migratória. Dependendo do que a constituiu no início, a migração gerou decepção, frustração, espanto, desilusão e perda de rumo para o indivíduo. Desorienta-o e angustia-o confrontando-o com uma realidade imprevista.

É possível perceber nas falas dos indivíduos a decepção entre o Brasil imaginado e o Brasil cotidiano. Diante de alguns aspectos da vida no Brasil mais ou menos antecipados (individualismo, códigos culturais diferentes, dificuldade de conseguir rapidamente um emprego na sua área, isolamento sentido pela perda da rede social, relação de produtividade em relação ao trabalho, discriminação em relação aos imigrantes testemunhada por alguns cidadãos, as reações são divididas. Apesar das dificuldades das situações e das emoções encontradas, alguns indivíduos dizem ter-se sentido psicologicamente preparados para enfrentar as realidades que se lhes apresentam, porque o seu país ainda não lhes oferece a oportunidade de regressar, enquanto outros não, eles dizem claramente que não querem mais ficar, estão economizando dinheiro para seguir em frente para mais. Um afirma que aquele aqui não é Diáspora. A ideia aqui é que não pagamos em dólares americanos. Isso nos diz que o Haiti está sempre em movimento. O Brasil poderia fazer parte da rota migratória e não o destino final. Por que, apesar das oportunidades oferecidas pelo Brasil, o acesso a melhores condições de vida não necessariamente melhora a vida dos migrantes.

Costumo dizer aos meus irmãos e amigos que ficaram no Haiti. Se eles têm um trabalho que lhes permite se manter e construir uma casa, têm um pequeno negócio lá, não se arrisquem. Brasil é só uma palavra, o resto é pura utopia. (Lecler Aristal, 2018, haitiano, residente de Campinas, SP)

Fazer uso do conceito de imaginação migratória haitiana nos ajudou a entender

como que a migração haitiana é questão de longa data. E o que está claro, os motivos são e estão sendo os mesmos, político, social e econômico. Que o migrante aproveita e sair do país. Mas tem um que é fundamental, o econômico. No caso do Brasil a partir de 2010, entendemos que muitos haitianos não o tinham como destino, senão a Guiana francesa, que endureceu a política migratório de asilo. Assim, muitos tinham que voltar para o Brasil e esperar que surgisse outra oportunidade de sair do país, como o caso de muitos que já deixaram o país rumo aos Estados Unidos. Importante ressaltar o haitiano ele sempre está em mobilidade, e nem sempre ele chega foi, seu país de destino ou escolhido antes do projeto migratório.

Nos chamou a atenção, como o fato de enviar dinheiro para familiares que ficaram no país de origem tem um peso na vida do migrante e na sociedade haitiana. Normalmente toda família deseja ter um membro diáspora para poder receber dinheiro e o que mostra as vezes quem passa na frente das casas de câmbio como Western Union, Moneygram, podem observar grande quantidade de migrantes haitianos na fila, prestes a enviar dinheiro. Chegamos a compreender melhor o fato de enviar dinheiro, com as consultas de literaturas fica claro, que enviar dinheiro para o país de origem não tem a ver só com ajudar a família que ficou. Mas também manter uma estrutura, de que um diáspora é considerado um elemento importante, que deve a toda família dele, amigos que lhe ajudaram no passado. Ele tem que ajudar para não ser considerado ingrato, assim precisa enviar algo de dinheiro para eles, para poder continuar sendo aquele bom amigo.

Em realidade, é um dos fatos que dificulta a construção do sentimento de pertencimento, essa classificação de diáspora, (bom ou grande diáspora: disporá dos países do norte, que ganham em dólar). Pequeno diaspora ou falso diáspora: quem está nos países que não tem dólar, onde os haitianos não ganham um salário bom). Se você está num país que não tem dólar americano, canadense ou euro, você nem é considerado diáspora, se classifica de pequeno diaspora, porque você não ganha dinheiro que ajuda enviar, construir casa de diaspora (Handerson, 2015). Viver como diaspora, ter carro de diáspora, casa de diáspora etc. Assim quem que está no Brasil não consegue fazer coisa de bom diaspora. Com uma tal situação a pessoa que já estava lidando com outros problemas, como o racismo, xenofobia, falta de

oportunidade de conquistar um melhor espaço, começa a experimentar um sentimento de não pertencimento. E a primeira coisa que se faz, é revisitar a sua imaginação migratória. Como bem observamos tem pessoas que falam de criar estratégias para continuar aqui, mas para muitos a solução é ir para frente, continuar a aventura.

BIBLIOGRAFIA

AMPHOUX, P., & Mondada, L. (1989). *Le chez-soi dans tous les sens*. Architecture et comportement, 5(2), 135-150.

APARECIDA, Maria; ARAUJO. Daniel; MOURA D.; MARTINS,R; ZOMICANI. James H . *A diáspora haitiana: da utopia à realidade*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zJTVh7z2oAI>> acesso em: 05 dec 2023.

APPADURAI, Arjun. 2001. *Après le colonialisme. Les conséquences culturelles de la globalisation*. Paris, éd. Payot, 326 p.

AUDEBERT C.(2017) *The recent geodynamics of Haitian migration in the Americas: refugees or economic migrants?*. Revista Brasileira de Estudos Populacionais 34 (1): 55-71. DOI: <https://bit.ly/2urHCpi>

BAUMAN, Z.(2017). *Estranhos à Nossa Porta*. Rio de Janeiro: Zahar, ed, 117p.

BAUMAN, Z. (1925). *O Mal Estar da Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

BAUMAN, Zygmunt. *Vida líquida*. Editoril Planeta, 4.ed., 2004

BCB (Banco Central do Brasil). (2019)

BOSI, Antônio de Pádua. *A recusa do trabalho em frigoríficos no oeste paranaense (1990- 2010): a cultura da classe*. Diálogos (Maringá), v. 17, n. 1, p. 309-335, 2013.

BLUNT, A., & DOWLING, R. (2006). *Home*. New York: Routledge.

BRH (Banque De la République d'Haïti). (2019), *Transferts reçus de l'étranger en USD par pays*. www.brh.ht.

DOVEY, K. (1985). *Home and homelessness*. In I. Altman & C. M. Werner (Eds.), Home environments (Vol. 8, pp. 33-64). New York: Plenum Press.

ELIAS Norbert. Scotson John L., *Logiques de l'exclusion*, paris, fayard, 1997.

ELIAS, Nobert; SCOTSON, John. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rios de janeiro: Zahar, 2000.

FERNANDES, D, ; CASTRO, M; RIBEIRO, C. *Migração haitiana para o Brasil: Minas Gerais como destino, a fala dos haitianos*. In: XVI Seminário sobre Economia Mineira/CEDEPLR/UFMG. Diamantina, 2014.

FOZDAR, F., & HARTLEY, L. (2014). *Civic and ethno belonging among recent*

refugees to Australia. Journal of refugee studies, 27(1), 126-144.

GIUST-DESPRAIRIES, F. 2003. *L'imaginaire collectif. France*, éd. Éres, coll. Sociologie clinique, 247 p.

HECK, F. M. (Junho de 2013). **TERRITÓRIOS DA DEGRADAÇÃO DO TRABALHO. A saúde do trabalhador em frigorífico de aves e suínos em Toledo Oeste do Paraná.**

HAGE, G. (1997). *At home in the entrails of the west: multiculturalism, ethnic food and migrant home building*. In H. Grace, G. Hage, L. Johnson, J. Langsworth, & M. Symonds (Eds.), Home/World: Communalism, identity and marginality in Sydney's West (pp. 99-153), Sydney: Pluto Press.

HANDERSON, Joseph Diáspora. *As dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa*. – Rio de Janeiro: UFRJ/Museu Nacional, 2015b.

FREIRE, Sabrina. **Haitianos são maior grupo de imigrantes no mercado de trabalho brasileiro**. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/brasil/haitianos-sao-maior-grupo-de-imigrantes-no-mercado-de-trabalho-brasileiro/>> acesso 19 jan 2023.

LACAN, Jacques. 1973. Le séminaire de Jacques Lacan. Texte établi par Jacques-Alain Miller, Livre : **le désir et son interprétation**, Éditions du Seuil, Paris.

MARTINE, G. (2005). *A globalização inacabada. Migrações internacionais e pobreza no século 21*. São Paulo em Perspectiva, São Paulo, 19 (3). pp. 3-22.

MÄRTSIN, M., & Mahmoud, H. W. (2012). *Never "at home"? Migrants between societies*. In J. Valsiner (Ed.), Handbook of culture and psychology (pp. 730-745). Oxford: Oxford University Press.

MARX, K. *A chamada acumulação primitiva*. In _____. *O Capital*. 22. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008a. Livro 1, v. 2, cap. 24, p. 825 -877.

_____. A lei geral da acumulação capitalista. In: _____. *O Capital*. 22. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008b. Livro 1, v. 2, cap. 23, p. 713-823.

_____. Cartas (Marx a Pavel V. Annenkov). In: _____.; ENGELS, F. Obras escolhidas. Moscovo: Progresso; Lisboa: Avante!, 1982a. t. 1, p. 544-555.

_____. Para a crítica da economia política. Prefácio. In: _____.; ENGELS, F. Obras Escolhidas. Moscovo: Progresso; Lisboa: Avante!, 1982b. t. 1, p. 529-533.

MARX, K. Zur Judenfrage. Berlin: Ernst Rowohlt, 1919 _____. *Crítica da filosofia do direito de Hegel*. Trad. Rubens Enderle e Leonardo de Deus. São Paulo: Boitempo, 2010.

MILANOVIC, B. **On the threshold of the Third Globalization: Why Liberal Capitalism Might Fail?** Washington, DC: World Bank - Development Economics Research Group (DECRG), December 1999. Preliminary Draft. Disponível em: <<http://ssrn.com/abstract=262176>>.

MORAES, Isaias Albertin de. ANDRADE, Carlos Alencar de. MATTOS, Beatriz Rodrigues Bessa. **A imigração haitiana para o Brasil: causas e desafios**. Revista Conjuntura Austral, vol. 4, nº 20, 2013, p. 95-114. Out. Nov

PEDROSO Antonio; MONACE john. **Laços Brasil-Haiti: Estratégias de reprodução familiar, redes socioeconômicas e o vöyè kòb**. 2022.

PESCHANSKI, J. Alexandre. **Duvalier, Fracois et Jean claude**. Disponível em: <<https://sites.usp.br/portalatinoamericano/espanol-duvalier-francois-y-jean-claude>> acesso em: 08 out 2018.

RIBEIRO, D. O povo brasileiro: **a formação e sentido do Brasil**. 1995. Seção Braile, CAP da Biblioteca Pública de Paraná.

SANCHES, Mariana. **Sao Paulo tem Romaria de empresários para contratar imigrantes**: Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/politica/sao-paulo-tem-romaria-de-empresarios-para-contratar-imigrantes-13633389>> acesso em: 24 nov 2022.

SASSEN, Saskia – **The mobility of labor and capital: a study in international investment and labor flow**, New York, Cambridge University Pres, 1988.

SARTRE, J-P. 1986. **L'imaginaire**. France, éd. Gallimard, coll. Folio essais, 380 p.

SEGALEN, M., & Le Wita, B. (1993). **Chez-soi: objets et décors: des créations familiales?** Paris: Editions Autrement.

SEITENFUS, Ricardo. **Reconstruir Haítí: entre la esperanza y el tridente imperial**. Santo Domingo: CLACSO, 2016.

SERFATY-Garzon, P. (2006). **En mouvement: Le chez-soi à l'épreuve des mobilités**. In P.serfaty-Garzon (Ed.), **Un chez-soi chez les autres**. Montréal, Bayard Canada, Paris: Bayard.

SILVA, Sidney Antonio da. 2012. **“Aqui começa o Brasil”**: Haitianos na Tríplice Fronteira e Manaus. In: SILVA, Sidney Antonio da (Orgs.). **Migrações na Pan-Amazônia : fluxos, fronteiras e processos socioculturais**. São Paulo: HucitecEditora, p. 300 – 321.

SOARES G. OLIVEIRA: **BRASIL NO HAITI UM CASO DE SUCESSO? ANALÍSE DA**

MISSÃO DAS NAÇÕES UNIDAS DE ESTABILIZAÇÃO DO HAITI À LUZ DO DIREITO Trabalho de Conclusão de Curso – TCC apresentado à Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais – FAJS do Centro Universitário de Brasília, em cumprimento às exigências para obtenção do grau de Bacharelado em Direito.(2019).

SÖDERSTRÖM, O., Randeria, S., Ruedin, D., D'Amato, G., & Panese, F. (2013). *Critical mobilities*. Lausanne: EPFL Press.

SOLÉ, C.; PARELLA, S.; CAVALCANTI, L. (Orgs.). *Nuevos retos del transnacionalismo en el estudio de las migraciones*. Barcelona: Grafo, 2008.

STOCHERO, Tahiane. **Entrada diária de haitianos triplica e quadro preocupa, diz governo do Acre.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2014/01/em-7-dias-entrada-de-haitianos-triplica-e-acre-teme-tragedia.html>> acesso em: 15 jan 2021.

TROUILLOT, Michel-Rolph. *Haiti, state against nation – the origins and legacy of duvalierism*, New York: Monthly review press, 1990.

VARUSSA, RINALDO José. *Frigoríficos: abatendo animais, adoecendo trabalhadores*. In: VARUSSA, Rinaldo José (Org.). *“Eu trabalhava com dor”*: trabalho e adoecimento nos frigoríficos. Jundiaí: Paco Editorial, 2016, p. 33 -48.

WUNENBURGER, Jean-Jacques. 2003. *L’imaginaire*. France, Presses Universitaires de France, coll. « Que sais-je? », 125 p.

ZAPATA-BARRERO, R. (2001). *Dilemas de los estados democráticos-liberales para acomodar políticamente a la inmigración*. Revista Anthropos: huellas del conocimiento, Barcelona, nº 191. pp. 58-69.

ZITTOUN, T., & Söderström, O. (2015). *La fabrication du chez-soi* (séminaire Master). Recueil inédit, Université de Neuchâtel